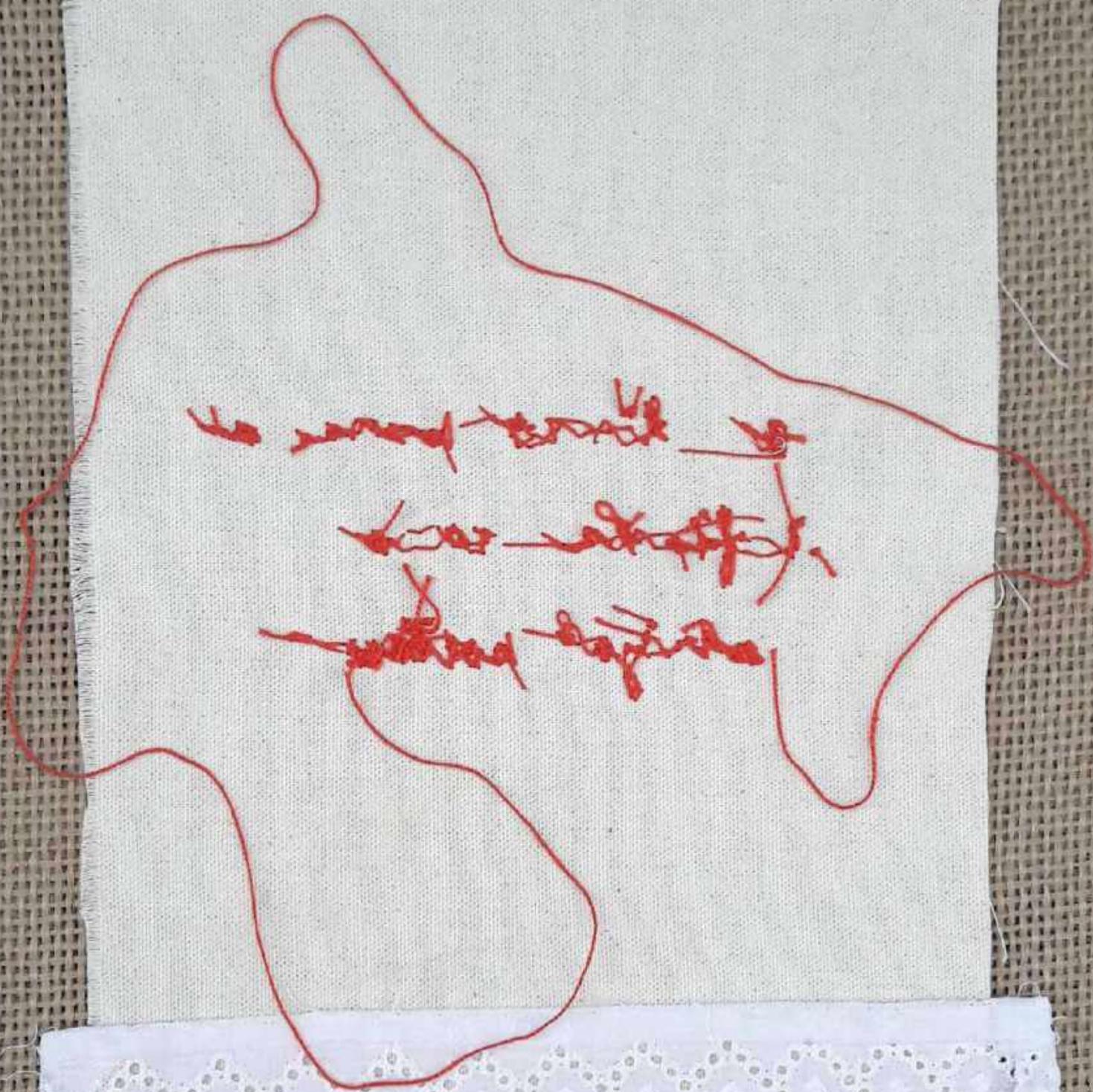


O livro para a
infância como
abrigo poético



A CASA TOMBADA

FACONNECT - FACULDADE CONECTADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU – O LIVRO PARA A INFÂNCIA:
PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

O livro para a infância como abrigo poético

Representação simbólica do livro como manto/vestimenta de proteção

Eunice Aparecida Lopes Montenegro

SÃO PAULO
2021.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós-Graduação Lato Sensu — O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, sob orientação da Profa. Ms. Camila Feltre.

Eunice Aparecida Lopes Montenegro

SÃO PAULO
2021.

Agradecimentos

À minha orientadora, Camila Feltre, por me fazer enxergar muito além de minha imaginação, pelas aulas cheias de descobertas, pela leitura primeira deste trabalho, pelas observações e comentários, pelo olhar atencioso e acolhedor.

À Cristiane Rogerio, inspiração para vida, pela dedicação à esta pós-graduação, pelas aulas, pelas dicas, por reunir tanta gente boa em torno do livro para a infância, pela persistência e resiliência, pelo carinho, por não nos deixar desistir.

A todos os professores e professoras d'A Casa Tombada pelos ensinamentos e aprendizados durante todo o percurso desta pós-graduação.

À Casa Tombada: aos queridos Ângela e Giuliano, pela proposta generosa que abraçam, pelos dois anos de aprendizado, pelos cafés, pelos bate-papos nas salas, pelas janelas abertas.

Aos amigos da pós-graduação com quem aprendi tanto, pelos abraços carinhosos, almoços aos sábados, pelas risadas, pelos livros, por tanto amor.

À minha saudosa avó Margarida, fazedora do melhor doce de mamão verde da vida, obrigada por tanto que me ensinou, mesmo sem se dar conta.

À minha saudosa mãe Geni, tão forte e tão frágil, minha incentivadora incondicional, meu primeiro amor, a quem devo a persistência em desenhar, a quem devo a força em seguir, a quem devo não desistir.

Ao meu querido pai Zildo, pelo carinho, pelas palavras diárias de apoio, pela compreensão, pelo amor de todos esses anos.

Ao meu querido companheiro Gabriel, pelo suporte em todos os momentos, pelas conversas, pelas trocas e por sempre embarcar sorrindo em minhas aventuras.

O livro para a infância como abrigo poético

Representação simbólica do livro
como manto/vestimenta de proteção

Somos vestidos de histórias.
Camila Genaro¹

Este trabalho tem início com algumas reflexões que nortearam minhas buscas acerca da dimensão acolhedora e poética do livro para infância. Experienciações que reverberaram durante todo meu percurso na Pós-Graduação O Livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, d'A Casa Tombada – Lugar de Arte, Cultura e Educação, entre os anos de 2019 e 2020.

Numa primeira tentativa de esmiuçar estes pensamentos, trago excertos da obra *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura escrita e educação*, da especialista colombiana em fomento à leitura e formação de leitores Yolanda Reyes.

Em seu livro, deparei-me com alguns textos que me auxiliaram na construção deste trabalho e lançaram luz às minhas perguntas.

Poderiam as histórias dos livros vestir/proteger nossas infâncias?

Logo nas primeiras páginas, o prefácio de Marisa Lajolo² é como um farol a iluminar o caminho: “[...] ler é bom quando é uma forma de vestir-se de palavras, de tomar posse da linguagem, de compor novas faces, braços e pernas, de ensaiar novas formas de estar no mundo e de interagir com ele.”³

¹Camila Genaro é contadora de histórias e publicou esta frase em uma de suas redes sociais. A inserção desta frase neste trabalho foi autorizada pela autora.

²Marisa Lajolo é ensaísta, pesquisadora, crítica literária, escritora de literatura juvenil e professora universitária.

³LAJOLO, Marisa. A literatura no reino da linguagem. In: REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação*. Trad.: Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012, p. 11.

O livro para a infância poderia ser uma fortaleza para nos proteger da dor quando ela nos alcançar?

A autora Yolanda Reyes estende suas mãos para nos abraçar, quando escreve:

Se bem é verdade que as palavras não curam feridas físicas nem podem devolver as páginas da história para inventar finais menos tristes, seus poderes simbólicos nos acolhem em tempos difíceis, para deixar passar a dor e fazê-la suportável”.⁴

Que poder simbólico é este que nos acolhe?

Reyes traz um depoimento importante sobre a guerra civil na Colômbia e narra um fato acontecido depois de um atentado terrorista que marcou seu trabalho como professora e leitora:

Tive também de escrever um obituário compreensível – compreensível?! – para as criancinhas de uma creche em memória de sua companheira de quatro anos que havia morrido em um atentado terrorista. O texto se chamava “As pastas de Mariana” e começava com uma frase que recolhi de seus amigos: “Mariana morreu, mas a recordamos em nosso coração”. Nesses dias, quando “a terra fez bum”, nas palavras dessas crianças aturdidas pela bomba, eles evocaram as pastas de sua amiga e suas brincadeiras. Nesses mesmos dias, tive de recomendar um livro para que um menino de doze anos lesse na UTI para sua irmã gêmea, que, com uma perna amputada, debatia-se entre a vida e a morte, ainda sem aceitar que seu pai e sua irmãzinha menor tinham morrido no atentado. Por acaso existe um livro para ser lido em uma UTI para uma menina que acabara de perder sua infância com um bum? Note-se também que continuo falando de uma narrativa, porque os fatos, inclusive os mais crus, nomeiam-se em uma cadeia de significados, são ditos por meio da linguagem. Para que pode “servir” a literatura quando a realidade fala uma linguagem distinta: uma linguagem de fato, que nos deixa sem palavras.

Depois de dar muitas voltas, mandei a essa menina, como quem envia um kit de primeiros socorros com *band-aids* para um câncer, uma bolsa de livros. E logo soube – é uma entre tantas histórias – que nesse quarto asséptico de UTI, entre chiados de máquinas, o irmão chegou com os livros e se sentou em uma cadeira. Tratou de cumprimentá-la e, como sua irmã não queria saber de ninguém nem de nada, começou a ler uma história qualquer – qualquer, pois, afinal, dava no mesmo. E contam que a menina continuou lhe dando as costas: não queria ouvir ninguém, nem seu irmão, até que ele se calou. Então, ela voltou a cabeça e, por fim, olhou para ele, para indicar “continue lendo”...E as palavras, essas palavras que não podiam remediar o irremediável, misturaram-se com o chiado artificial das máquinas e com a imagem desse coração que cintilava na tela. A voz humana, a única voz amada que restava, havia tomado conta daquele cubículo e havia uma conexão de coração a coração, que o monitor não chegou a captar, enquanto o irmão continuava lendo para sua irmã.⁵

⁴REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar – Literatura, escrita e educação*. Tradução de Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. p. 83.

⁵REYES, Yolanda. op. cit. p. 62-63.

Poderia o livro para a infância ser um manto de proteção, uma segunda pele?

Marisa Lajolo nos revela ainda: [...] “Para Yolanda, o mundo da linguagem é como uma pele que nos reveste, a morada que habitamos, pela qual percebemos o mundo que nos rodeia”.

Podemos pensar que Penélope, a personagem homérica que tecia e destecia um manto, enquanto esperava o retorno de seu marido Ulisses, encontra refúgio e proteção no próprio ato desta tecitura⁶, tecendo-escrevendo seu próprio destino?

Este trabalho têxtil relacionado com a atividade feminina, ao revelar um mundo próprio da mulher também demonstra o encontro de um espaço próprio de poder e autonomia, como o que se revela no mito de Penélope onde o seu trabalho contínuo de tecer e desfiar, dia e noite, sem completar a tarefa, numa tentativa de parar o tempo, aponta para uma consciência da construção do seu próprio destino, resistindo pacificamente a vontades alheias, para além dos aspectos relacionados com a fidelidade ao marido ausente. Pode-se imaginar que Penélope tenha sido inspirada por Atena, já que era essa deusa que protegeria o retorno de Ulisses. Mas a sua fidelidade está acima da lealdade ao marido, é mais uma fidelidade a si mesma, à manutenção da sua autonomia, antevendo uma longa viagem de libertação feminina [...]

A escritora e tradutora brasileira Lélia Almeida em seu artigo *Cozinhar é igual a tecer que é igual a narrar: Três habilidades recorrentes na literatura de autoria feminina*, escreve: “[...] bordar e narrar têm um caráter curativo, ordenador. Ao bordar, ao contar e reinventar um novo traçado para a sua própria história é possível mudar esta história, reinventar um novo desenho”.⁸

⁶A distinção gráfica consta no *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (ABL, 1999): - “tecitura s. f. fios que se cruzam com a urdidura”.

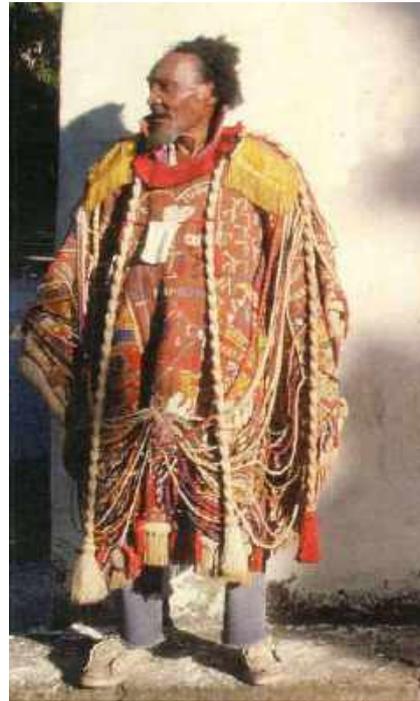
⁷RITA, Dora Iva Outerelo Forja. *Arte têxtil contemporânea e sustentabilidade*. Tese de Doutoramento em Belas-Artes, Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes, Lisboa, 2015, p. 41.

⁸ALMEIDA, Lélia. *Cozinhar é igual a tecer que é igual a narrar: Três habilidades recorrentes na literatura de autoria feminina*. In: *Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid*, nº 28, 2004. Disponível em <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero28/cozinhar.html>. Acesso em 07/01/2021.

O manto do artista Arthur Bispo do Rosário⁹ – costurado e bordado anos a fio – seria seu “passaporte”, sua proteção tecida e escrita, para seu encontro com o Eterno, quando de sua morte, no Paraíso celestial?

O tempo urge. Para a enorme tarefa meticulosa, a tarefa ilimitada de empacotar o mundo, de bordar todos os nomes de todos os conhecidos, de estabelecer todos os mapas da frota brasileira, dos regimentos, das ruas e dos bairros do Rio, de pôr o Carnaval em garrafas, de classificar objetos familiares em grupos arrazoados, de colocar tudo em estandarte para finalmente erguer o imenso estandarte do mundo não há tempo; visto que é preciso estar pronto quando chegar o dia do Juízo Final.¹⁰

Figura 1 - Arthur Bispo do Rosário vestido com seu "Manto de Apresentação", que usaria no dia do Juízo Final. Fonte: site < http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2012/11/bispo-do-rosario.html > Acesso em 07/01/2021.



⁹Arthur Bispo do Rosário foi um artista visual brasileiro, nascido em Japaratuba, Sergipe, em 1909. [...] carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, asilado em um manicômio – consegue, na sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir da sua obra, a ressignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final. Sua missão chegou ao fim aos 80 anos, no dia 5 julho de 1989, dia da sua morte. Disponível em < <http://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/> >. Acesso em 07/01/2021.

¹⁰LAPOLJADE, David. Bispo ou o estandarte do mundo. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. Agência Folha, 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0207200009.htm>. Acesso em 11/12/2020.

Se a linguagem é como uma pele, se podemos nos vestir de palavras, se estas palavras e seus poderes simbólicos podem nos acolher, se a união destas palavras escritas, por definição, gera um texto, podemos pensar que este texto é tecido que pode nos cobrir e proteger?

Na produção de um texto, há o gesto de traçar um fio de sentido, a materialização de um pensamento e um desenho a partir das palavras. Encontramos na etimologia da palavra "texto", que tem sua raiz na palavra latina "texere", o significado de "tecer". Segundo o dicionário, tecer significa "tramar, entrelaçar, fazer algo através da justaposição de fios" (Cunha, 1986:759). Considerando esta acepção, o texto escrito pode ser concebido como uma composição, um tecido de significados. Elaborar um texto é tecê-lo com as palavras, tramá-lo, uni-lo, tal como num tecido os fios se entrelaçam."

Este ler-tecer-escrever é abrigo?

A literatura para a infância pode ser abrigo?

"TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco. A escritura-rasura na obra de Edith Derdyk. In: *Revista Estúdio, Artistas sobre outras Obras*. Vol. 7, nº15 (Jul./Set. 2016), p. 122-127. Lisboa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/38645>. Acesso em 09/01/2021.

*inventário de
memórias...*



Murmuro para mim mesma:
"É tudo imaginação!"
Mas sei que tudo é memória...
Cecília Meireles¹²

¹²MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958, p. 201-2.

[...] *É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma
barata – cresce de importância para o meu
olho.
Ainda não aprendi por que herdei esse olhar
para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades
machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das
coisinhas do chão –
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.
Manoel de Barros¹³*

¹³BARROS, Manoel. Retrato do artista quando coisa. In: *Manoel de Barros - Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya. 2010, p.361.

... do país da infância





*Nice Lopes, minha amiga,
Um aconchego de rede,
Uma água da moringa,
A saciar nossa sede
São as riquezas de fato,
Cabem todas num retrato
Pendurado na parede.
Marco Haurélio¹⁴*

Para iniciar este inventário de memórias, trago as experiências que vivenciei ao longo de minha caminhada na Pós-Graduação O Livro para Infância. Em março de 2019, logo no início do curso, quando os encontros ainda eram presenciais — antes da pandemia de Covid-19 que nos obrigou um isolamento social longo e doloroso — tivemos, como parte da disciplina *Raízes de Repertório - Uma História da Literatura para a Infância no Brasil e no Mundo*, uma aula com o professor Marco Haurélio: *Conto, Canto e Cordel - o povo e suas histórias*. Fiquei extremamente tocada com sua fala sobre “retornar ao país da infância”; da nossa infância, da infância da humanidade, como bem disse Haurélio. Durante a aula, o professor nos apresentou diversos contos populares. Naquele mesmo dia, na hora do nosso café fiz um comentário com o professor sobre um conto / “causo” que meu pai havia me contado quando eu era ainda criança, o conto religioso *A gulodice de São Pedro*¹⁵, registrado em um dos livros do mestre. E daquele bate papo nasceu minha vontade de regressar à minha própria história e às histórias dos meus antepassados.

Da boca para o ouvido, de geração em geração, a tradição é preservada. Das reuniões em volta da fogueira, em tempos recuados, às rodas de “contação” de histórias na sala de aula, o conto popular sobrevive à era tecnológica. As pessoas, aos poucos, vão redescobrimo a beleza da simplicidade naquilo que o estudioso alemão Heinrich Zimmer define como “alimento espiritual dos povos”. E nessa troca - sim, troca, pois o hábito de contar histórias é mais do que mera intenção -, todos saem ganhando.¹⁶

*Heinrich Zimmer era mitólogo e historiador de arte. Nasceu em 1890, em Greifswald, Alemanha, e morreu em 1943, nos Estados Unidos. Autor de *As filosofias da Índia*, *A conquista psicológica do mal*, entre outros.

¹⁴Este versinho do professor Marco Haurélio foi uma carta-resposta a uma carta-texto que cada aluno/a desenvolveu como trabalho para a sua disciplina.

¹⁵HAURÉLIO, Marco. *A gulodice de São Pedro*, conto recolhido de Hilton Marques Silva (Igaraporã, Bahia). In: *Contos folclóricos brasileiros*, ilustrado por Maurício Negro, São Paulo: Editora Paulus, 3ª ed., 2018. p. 76-77.

¹⁶HAURÉLIO, Marco. *Contos folclóricos brasileiros*, ilustrado por Maurício Negro, São Paulo: Editora Paulus, 3ª ed., 2018. p. 11.

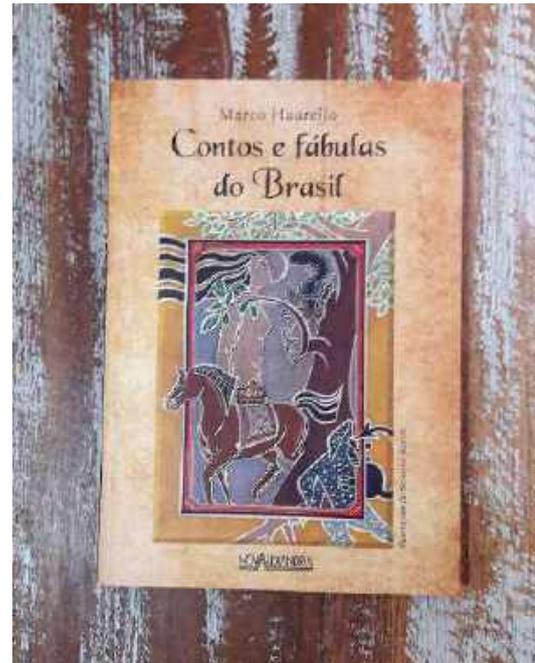
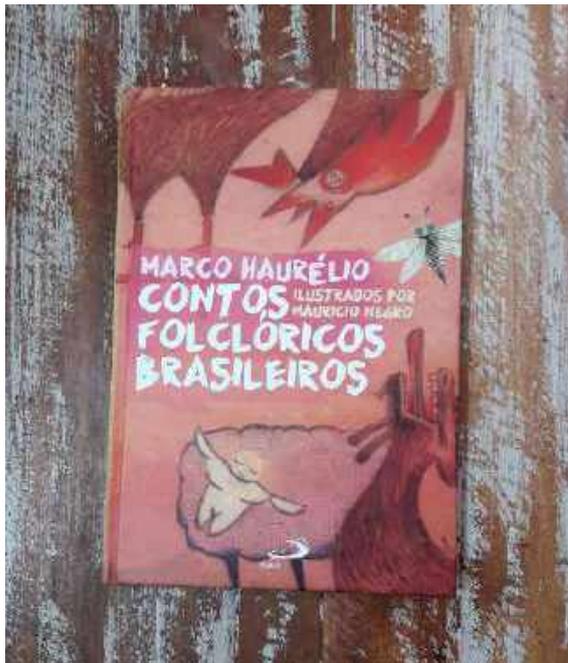
A Gulodice de São Pedro

Quando Jesus andava no mundo, acompanhado de seus apóstolos, sucedeu este caso, que serve de exemplo aos gulosos. Iam eles, havia horas, caminhando por uma região deserta. São Pedro, como sempre, foi o primeiro a reclamar:

- Ô, Senhor! Já estamos andando há horas e ainda não comemos nada! Estou morrendo de fome!

Mas Jesus pediu-lhes calma, afirmando que em breve comeriam. [...]¹⁷

Figura 2 –Imagens das capas dos livros *Contos folclóricos brasileiros*.
Fonte: HAURÉLIO, Marco. São Paulo: Editora Paulus, 3ª ed., 2018
e *Contos e Fábulas do Brasil*. Fonte: HAURÉLIO, Marco.
São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2ª ed., 2016.
Fotos: arquivo pessoal



¹⁷HAURÉLIO, Marco. *Contos folclóricos brasileiros*, ilustrado por Maurício Negro, São Paulo: Editora Paulus, 3ª ed., 2018. Trecho do conto A Gulodice de São Pedro. p. 76.

Meu pai, há alguns anos, logo que se aposentou, mudou-se para Minas Gerais, onde vive até hoje em sua cidade natal. Matamos as saudades uma ou duas vezes por ano e num desses encontros, em 2019, logo após a aula do professor Marco Haurélio, quando meu pai estava hospedado em minha casa, mostrei a ele *Contos e Fábulas do Brasil*¹⁸ e *Contos folclóricos brasileiros*¹⁹, livros do professor recheados de contos recolhidos em suas viagens Brasil afora. Seu Zildo, emocionado, rememorou alguns contos que seu pai (meu avô Severiano) lhe contara, e começamos a procurá-los nestes livros e, para nossa surpresa, estavam todos lá, devidamente registrados. Contemplar os olhos cheios de água do meu pai ao relembrar as histórias de sua infância e feliz por ver parte desta história em livros, foi uma das experiências mais lindas que eu já vivi.

Então, durante todo o meu (per)curso nesta pós-graduação foi assim: como se eu regressasse ao meu país da infância. A narrativa sempre voltava...da minha avó materna costureira, do meu avô materno agricultor, da minha avó paterna cozinheira de mão cheia, do meu avô paterno contador de “causos” e benzedor, dos meus pais cortadores de cana-de-açúcar. Eu queria e precisava encontrar uma maneira de “regurgitar”²⁰ essa narrativa fortemente impregnada em mim.

E é isso o que eu decidi contar...

¹⁸HAURÉLIO, Marco. *Contos e Fábulas do Brasil*, ilustrado por Severino Ramos. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2^a ed., 2016.

¹⁹HAURÉLIO, Marco. *Contos folclóricos brasileiros*, ilustrado por Maurício Negro, São Paulo: Editora Paulus, 3^a ed., 2018.

²⁰“Regurgitar a narrativa” fala do professor, mediador e autor de livros para a infância Fábio Monteiro durante aula on-line, em maio de 2020, disciplina: Leitura, Literatura e Acessibilidade - Mediações possíveis na contemporaneidade, para a turma VI da Pós-Graduação O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, d'A Casa Tombada - Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP.

... da minha avó materna





Não sei costurar, nunca aprendi. Sou neta de uma costureira que tirava de sua máquina de costura parte do sustento para os nove filhos. Na minha família há mulheres bordadeiras e crocheteiras. Mas eu não sei bordar. Talvez nunca tenha aprendido costurar e bordar por pensar que o trabalho daquelas mulheres era sofrido demais. Uma vez, minha avó se acidentou com a máquina de costura. Seu polegar direito ficou preso na agulha e, eu, criança, toda vez que via aquele polegar meio amassado, com a unha escura, sentia uma pena e ao mesmo tempo um medo sem explicação, e lá do fundo do meu medo, uma voz me dizia ao ouvido: “Não se meta com isso, menina! As agulhas e as tesouras são afiadas demais e você pode ficar com o seu dedo assim, igual ao da sua avó”.

A Vó Margarida ou Vó Gaída, como os netos carinhosamente a chamavam, costurava muito bem. As peças pequeninas como vestidos de boneca, eram feitas com muito capricho e riqueza de detalhes. Ela gostava mais de costurar essas delicadezas, do que os uniformes para os trabalhadores da usina. Pena que o único vestido que ela costurou para a boneca que eu mais gostava se perdeu em uma das mudanças de casa. Mas eu me lembro dele como se estivesse na minha frente agora: tinha um babadinho de laise na gola, detalhes na cintura e na saia rodada, era sem manga, abotoava nas costas com botão de pressão, e era rosa antigo...e tão pequenino aquele vestido, para caber na boneca que cabia na minha mão.

Eu gostava de brincar de ver minha avó costurar. Eu me metia embaixo da máquina de costura e ficava bem junto àquele pesado pedal de ferro. Eu gostava de mexer nos cordões grossos que eu não sabia para que serviam. Nunca entendi como a minha avó tão miúda tinha tamanha força para pisar aquele pedal e fazer a máquina de costura funcionar. Era como um balé, o tecido ia e vinha somente quando minha avó dançava com os pés. Minha avó não sabia, mas ela era uma bailarina.

...da minha mãe





*Minha mãe cozinhava exatamente
arroz, feijão-roxinho,
molho de batatinhas.
Mas cantava.
Adélia Prado²¹*

À Geni, filha de Dona Margarida, não coube a tarefa da costura, e sim o manejo do facão na lavoura de cana-de-açúcar. Naquela época não havia maquinário nos canaviais, as meninas-moças cortavam a cana e os meninos-moços enchiam os caminhões da usina com as canas cortadas. O dia de trabalho começava muito cedo. Minha mãe não costurava mas sabia manusear muito bem o facão, era preciso saber para não se machucar. Precisava também ter muita força nos braços para cortar a cana crua, mais dura, e mais valiosa. As costas ficavam curvadas o dia todo ao sol. Para aliviar aquela gente do fardo da lida diária, para esquecer os ferimentos provocados em seus rostos e corpos pelas folhas cortantes da cana-de-açúcar, os boias-frias cantavam.

Meu pai era trabalhador da roça, assim como minha mãe. Eles se conheceram na lavoura e começaram a namorar. Meu pai tocava violão e, ele e minha mãe, se apresentavam na emissora de rádio da cidadezinha onde moravam na Zona da Mata das Minas Gerais. Minha mãe cantava no rádio. Eu me lembro dela cantando lavando roupa no quintal. Eu me lembro dela cantando cozinhando feijão. Minha mãe não costurava. Mas cortava cana e cantava...

²¹PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

... de como algo me achou

²²"Algo me achou", fala da professora e pesquisadora Dra. Luiza Christov, durante aula on-line, da disciplina Seminário de Pesquisa, em julho de 2020, para a turma VI da Pós-Graduação O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, d'A Casa Tombada Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP.

7



[...] todo texto se constrói como
mosaico de citações, todo texto é absorção
e transformação de um outro texto [...] |
Julia Kristeva²³

Em dezembro de 2019, um *post* na rede social *facebook* d'A Casa Tombada, chamou minha atenção: *Ateliê de Leitura, Escrita, Costura - "Para além do funcionamento pleno, o fracasso é também um modo de ir"*, *workshop* com a artista Julia Panadés²⁴; uma oficina cuja proposta era a leitura prévia de alguns textos para desenvolvermos e escrevermos os nossos próprios e depois bordá-los em pequenos retalhos de tecidos.

Foi como um chamado...logo eu, que não sabia costurar, por que o interesse?

Não pensei muito e em 25 de janeiro de 2020 estava participando da oficina. Era feriado na cidade de São Paulo, ainda não sabíamos que nossas vidas iriam se transformar por conta da pandemia de Covid-19; ainda podíamos nos abraçar e caminhar no Parque da Água Branca, conversando e recolhendo gravetos que comporiam nossas flâmulas bordadas.

Naquele dia ensolarado, mulheres alinhavaram seus fracassos em conversas que até hoje reverberam dentro de mim.

Julia propôs que lêssemos seu texto *No reino do fracasso* e dele nos apropriássemos para (re)construir nossos "fracassos".

[...] |
"Toda arte vem de fracassos terríveis e de necessidades terríveis que temos".
"Trabalho com os meus fracassos". Essas frases de Louise Bourgeois²⁵ apontam a posse do risco e do fracasso como necessidade para se colocar um corpo em obra, como condição para que o pensamento criador possa alcançar a pulsação de sua linha, de sua descoberta, de sua linguagem de vida. [...] |²⁶

²³KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 68.

²⁴Julia Panadés é bacharel em Artes Plásticas pela Escola Guignard (UEMG), mestra em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes (UEMG) e doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras (UEMG). Pesquisa processos de criação artística com ênfase nas relações entre o desenho e a palavra. Disponível em <https://www.gal.art.br/pages/julia-panades-1978-belo-horizonte-mg>. Acesso em: 22/01/2021.

²⁵Louise Bourgeois (1911-2010) foi uma das artistas mais emblemáticas da história da arte de grande parte do século 20 e começo do 21: quebrou a barreira, até então existente no plano da teoria, entre a vida e a arte. Disponível em: <http://ibrecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/>. Acesso em: 22/02/2021.

²⁶Trecho do texto "No reino do fracasso", de Julia Panadés para a oficina: *Ateliê de Leitura, Escrita, Costura - "Para além do funcionamento pleno, o fracasso é também um modo de ir"*, realizada n'A Casa Tombada, em 25 de janeiro de 2020.

Da leitura do texto provocador de Panadés (re)criamos nossos próprios relatos, mergulhando em nossos mundos, cutucando com agulhas e tesouras nossos medos...E naquele sábado, rodeada por mulheres incríveis, nasceu este texto que reproduzo abaixo:

"Nasci no reino do fracasso,
em meio a um projeto impossível,
no descaminho migrante de fugitivos
da usina de cortar cana e gente.
Nasci na cidade fracassada e estranha,
"a mais poluída do mundo".
Nasci envolta por sua atmosfera de restos fabris.
Nasci do útero da cortadora de cana-de-açúcar
que estava disponível para o que não sabia.
Nasci em meio à construção
de meus pais,
de suas vozes,
em meio à construção
daquela cidade malograda.
Nasci beijando o chão dos tropeços.
Eu sei o segredo da vidraça! "

Figura 3 - Flâmula que costurei e bordei com a frase final do texto produzido durante oficina de Julia Panadés. A frase é da própria Julia, colhida do seu texto "No Reino do Fracasso". Foto: arquivo pessoal.
"Eu sei o segredo da vidraça"



... do meu percurso na
pós-graduação



Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar!
Eduardo Galeano²⁷

²⁷GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 12.

No dia 17 de junho de 2020, recebemos por e-mail, uma carta-convite das professoras coordenadoras do curso Cristiane Rogerio e Camila Feltre.

Uma carta-convite para olharmos pelo retrovisor e criarmos um livro-percurso de si. Reproduzo abaixo um trecho que foi muito importante neste meu processo de feitura do livro-percurso.

[...] Esta é uma carta-convite para que vocês iniciem *O livro-percurso: olhando pelo retrovisor*. [...]

Um convite a buscar VESTÍGIOS, RASTROS das pegadas deixadas até aqui por vocês, na pós e, também, um estímulo a criarem outras “materialidades” do que está por vir.²⁸

Partindo deste convite para criar outras “materialidades”, minha ideia inicial foi produzir um vídeo caseiro, que contivesse todos esses rastros da minha caminhada na pós-graduação. Mas, que também, fosse um registro do meu percurso anterior à minha chegada n’A Casa Tombada. Debrucei-me sobre o pequeno caderno de anotações, companheiro de todas as aulas. Encontrei nele, as citações dos mestres, as indicações de livros, minhas reflexões e *insights*, e fui assinalando com caneta marca-texto amarela, aquelas frases que de alguma maneira reverberaram em mim, mesmo não sabendo explicar, a princípio, o porquê daquelas escolhas. Em algumas aulas fui tocada tão profundamente pelas falas dos professores que decidi desenhar aqueles sentimentos embaralhados, não que eu tenha conseguido ilustrar com precisão o que se passava comigo, mas foram tentativas de expor o que não consegui escrever... “— Imagens são palavras que nos faltaram”, já escreveu o poeta Manoel de Barros.²⁹

²⁸Trecho extraído da carta-convite *O livro-percurso: olhando pelo retrovisor*, enviada por e-mail aos alunos da turma VI da Pós-Graduação O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, d’A Casa Tombada - Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP.

²⁹Frase extraída do poema “Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada”. In: *Manoel de Barros - Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 263.

*Sim, era muito grande o chamado para o menino,
mas mesmo assim não lhe resta escolha
a não ser essa: optar por fazer.
Ângela Castelo Branco Teixeira³⁰*

A decisão de reunir todas essas “materialidades” em um vídeo, como um livro-percurso, pareceu-me a solução mais adequada para traçar esta linha imaginária do tempo, do tempo “antes-pós-durante-pós”. Uma maneira de guardar estes vestígios para tentar compreendê-los um pouco melhor.

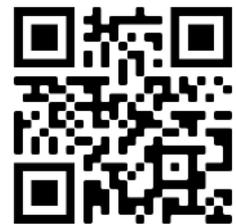
Durante a feitura do vídeo-livro-percurso, fui percebendo como fazia sentido mostrar estas escolhas: os livros para infância que havia lido quando menina, os adquiridos na fase adulta e durante a pós-graduação, as minhas anotações, os textos sugeridos pelas professoras e professores, os desenhos que criei, o resgate da minha ancestralidade, a oficina com a Julia Panadés e o chamado para costurar palavras e imagens. A ideia de fazer-costurar-desenhar um livro-manto-abrigo foi tomando força. Como se tivesse recebido um pedido para resgatar a memória de duas mulheres da minha ancestralidade. E eu aceitei.

³⁰TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco. *À escrita: um outro se arrisca em ti*. Tese de Doutorado em Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2018, p. 127 Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/154980>. Acesso em: 21/01/2021.

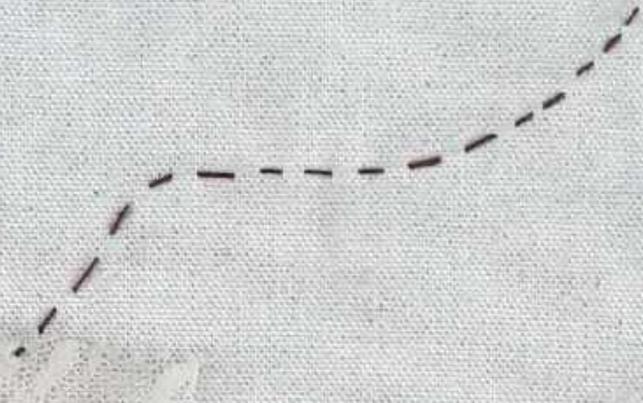
Figura 4 - Fragmentos do vídeo produzido como tentativa de livro-percurso - reflexões sobre como cheguei até aqui. Fotos: arquivo pessoal.

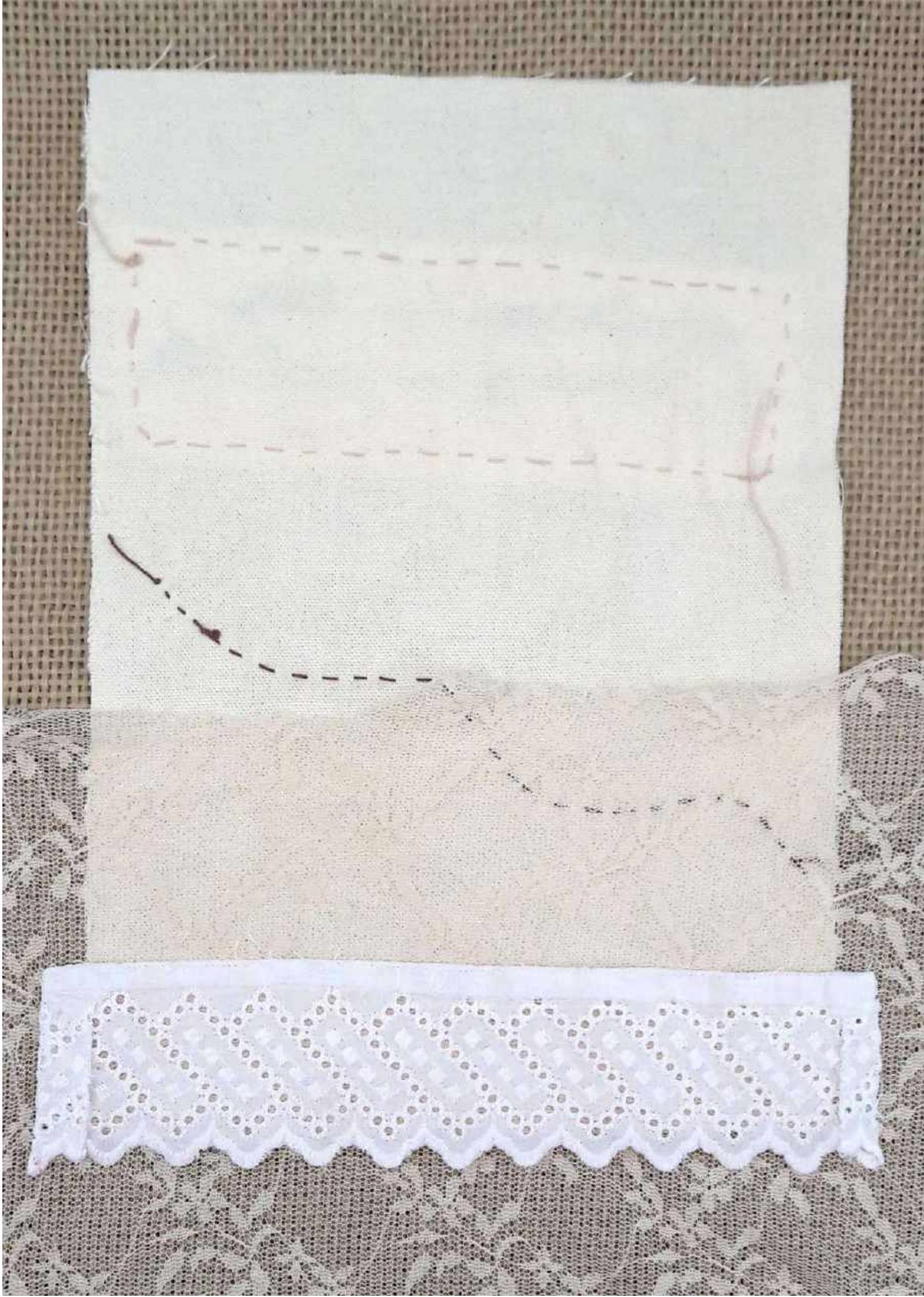


O vídeo pode ser acessado pelo link: <https://bit.ly/3bpOhHm>, clicando na imagem abaixo ou ainda pelo QR Code:



o percurso do livro
o livro como percurso





Deste inventário de memórias aqui registrado e desta feitura do vídeo-livro-percurso, surgiu o desejo de produzir um livro ilustrado artesanal. Um livro que fosse tecido-escrito, um livro têxtil, como um resgate das lembranças de minha avó costureira, de minha mãe cortadora de cana-de-açúcar e, que ao mesmo tempo, pudesse ter força para vestir-cobrir-protoger uma menina que precisa ir de encontro a um destino de trabalho infantil, uma menina que se “veste” com e das histórias lidas. “A menina se veste de força”, como escreveu Cristiane Rogerio, em uma de nossas trocas de e-mails.

Para a antropóloga francesa Michèle Petit, não é casual o encontro entre literatura e pessoas experienciando adversidades. Durante mais de 20 anos de pesquisa sobre práticas de leitura, centrada em países da América Latina como Brasil e Colômbia, ela percebeu que pessoas em situação de vulnerabilidade – como pobreza, violência, ou refúgio – encontram nas histórias ficcionais um espaço de conforto e elaboração.

“Muitos pesquisadores, em diferentes disciplinas, ou escritores, observaram que essa necessidade de histórias constituía talvez nossa especificidade humana e que existia conexão entre crise e narração. Vladimir Propp dizia que a narrativa representava uma tentativa de enfrentar tudo que é imprevisto ou infeliz na existência humana. É no que acredita J. Bruner, quando nota que o que nos impele para a narrativa “é precisamente o que não acontece como esperávamos”, relata Michelle em seu livro A arte de ler, ou como resistir à adversidade (Editora 34).³¹

E por que um livro ilustrado?

Considerar que o livro ilustrado consiste antes de mais nada em uma combinação de textos e imagens não basta, contudo, para caracterizá-lo. [...] O livro ilustrado não é apenas texto e imagem, é texto e imagem no espaço desse estranho objeto que é o livro. A disposição das mensagens no suporte, o encadeamento do texto e das imagens, sua diagramação, sua localização, também fazem sentido.³²

[...] Para Mauricio Negro, ilustrador, escritor e designer, os livros ilustrados, por vezes, lembram canções. “Como leitores, nos mais harmônicos projetos editoriais temos dificuldades de separar o texto, que corresponde à letra, da ilustração, que faz o papel da música”, compara Mauricio, mencionando que diferentes nomenclaturas são adotadas, ao redor do mundo, para se referir a livros ilustrados, como *picture book*, álbum, livro-imagem e *silent book*. “São obras trançadas, cujas narrativas de texto e de imagem se imbricam. A combinação entre texto e ilustrações, sobretudo quando bem equilibrada pelo projeto gráfico, é um deleite para os sentidos. Esses livros-canções são o que existe de mais encantador!”, comenta o autor.³³

³¹GARCIA, Cecília. Literatura e pandemia: o direito à leitura como resistência à adversidade. Matéria online. In: *Portal do Aprendiz*. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/07/27/literatura-e-pandemia-o-direito-a-leitura-como-resistencia-a-adversidade/>. Acesso em 11/01/2021.

³²LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Sesi-SP editora, 2018, p. 86.

³³NEGRO, Maurício. O papel da imagem na literatura infantil, entrevista concedida a Fernanda Fernandes para *MultiRio – a mídia educativa da cidade*, abril de 2019. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/lcia/reportagens-artigos/reportagens/14899-o-papel-da-imagem-na-literatura-infantil>. Acesso em 11/01/2021.

Em alguns contextos, o livro ilustrado também pode ser chamado de livro-álbum ou *picture book*, como escreve o autor, ilustrador e pesquisador de livros Odilon Moraes:

[...] O *picture book* é um celeiro de paradoxos, texto que é imagem, imagem que é texto. Pode promover o encontro entre gerações, entre fantasia e realidade, entre a visão da criança e a visão do adulto, entre espaço e tempo. No *Picture book* é possível trabalhar essas ambiguidades. O *picture book* é um caldeirão de experiências. O Renato Moriconi³⁴ fala que o *picture book* é polifônico. Dizem que é inter-geracional porque promove um encontro entre gerações diferentes, a imagem não reproduz mais a palavra, não é mais apoio para o leitor que está aprendendo a ler, a imagem está contando uma coisa e o texto outra, o adulto está acostumado a pensar que imagem é redundância, está acostumado a renegar a imagem e, quando ele percebe que a imagem não está contando o que a palavra está falando, é despertado para prestar atenção na imagem. A criança, por sua vez, está acostumada a ler imagem e assim aprende a ler palavras. Um adulto quando lê para uma criança, redescobre a imagem enquanto a criança descobre a palavra. O *picture book* promove o encontro entre fantasia e realidade, com duas narrativas paralelas ou o encontro entre a visão da criança e a visão do adulto, [...]³⁵

Para construir a materialidade deste livro têxtil artesanal, recorro às lembranças do laboratório de experimentação promovido pela professora Camila Feltre, em abril de 2019, na disciplina *O objeto livro*. Em uma de suas aulas, Feltre propôs, “criar um livro explorando materiais, tema, relação palavra e imagem, formatos, dobras, tipos de papéis, etc.” Desta proposta eu produzi um livro-objeto-tela. Eu queria que fosse uma caixa que se abrisse para uma surpresa. Então, uni dois pequenos painéis de pintura com dobradiças — como uma porta — e comecei a imaginar como meu personagem “Menino Árvore” poderia estar naquele espaço-objeto-livro.

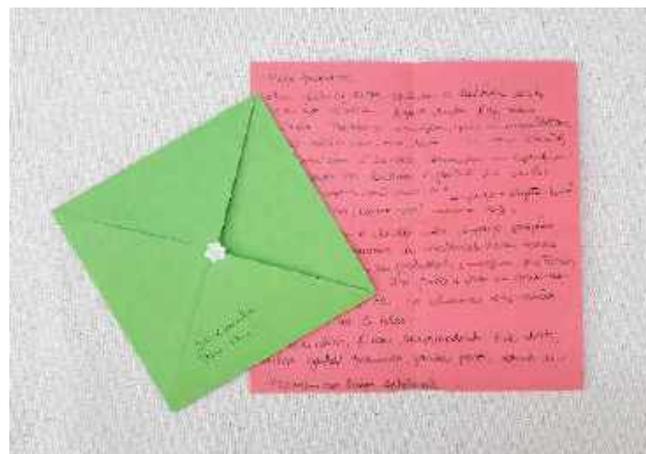
³⁴Renato Moriconi é autor e ilustrador de diversos livros para infância, entre eles: Bárbaro, Companhia das Letrinhas, 2013 e CéuMar MarCéu, Editora Jujuba, 2020.

³⁵MORAES, Odilon. O livro ilustrado: palavra, imagem e objeto na visão de Odilon Moraes, entrevista concedida a Isabella Lotufo. In: *Revista Ilustrates*, n.3, p. 30-31, 2014.

Figura 5 - Proposta de livro-objeto desenvolvido na disciplina *O objeto livro*
Foto: arquivo pessoal. Clique no link para ver o vídeo ou acesse pelo QR Code:
<http://www.youtube.com/watch?v=-80-DiRYAhg>



Figura 6 - Bilhete-resposta da professora Camila Feltrc
Foto: arquivo pessoal.



E não é o livro este espaço próprio pra juntar, reunir as materialidades todas do mundo? Vindas em palavras, imagens, texturas, cheiros, sons...Um pedacinho do mundo que conhecemos ali, ao alcance das mãos, num abrir de 2 telas.³⁶

³⁶Trecho do bilhete da professora Camila Feltrc em resposta à minha tentativa de livro-objeto, desenvolvido para a disciplina *O objeto livro - Laboratório de Experimentação*, em abril de 2019, turma VI da Pós-Graduação *O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada - Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP.

Recorro também às provocações da artista Edith Derdyk, em seu artigo *A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro:*

Quais seriam os modos de operar, os significantes, os ingredientes que constituem o desejo de uma expressão poética em forma de livro?

[...]

Aquí se trata de focarmos a forma do livro, ele mesmo, em si, visto como território poético.³⁷

³⁷DERDYK, Edith. *A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro*. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 164 - 173, mai. 2012.

[...]
*a fiação do trabalho: ficção fixando experiências
 de tempo e espaço, medidas desmedidas.
 o que sobra? frestas de espaços de tempo
 entre um pensamento e outro, entre uma ação e outra.
 e a linha habita este lugar informe entre uma coisa e outra.
 gestos suspensos no fluxo temporal que nos atravessa,
 aqui e agora, entre eu e você.*
 [...]
 Edith Derdyk³⁸

Para esta costura de palavras e imagens trago como referência os trabalhos de duas grandes autoras e ilustradoras, a israelense, radicada no Brasil Ionit Zilbermann e a polonesa Iwona Chmielewska.

Ionit Zilbermann nasceu em Israel em 1972 e veio para São Paulo com 6 anos de idade. Formou-se em Artes Plásticas pela FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado e já ilustrou mais de 40 livros para infância. A artista explora diversos materiais para conceber seus trabalhos, pintura em papel, madeira, tecido, costura, colagens, montagens tridimensionais... Uma bela definição do trabalho de Ionit foi dada por Cristiane Rogerio, em e-mail que trocamos em agosto de 2020: “ela tem uma coisa de envolver, abraçar as histórias com suas colagens. Ela ali em pedacinhos. O escritor. Os personagens. ”

E este abraçar as histórias não é proteção?

³⁸DERDYK, Edith. *O que fica do que escapa*. Texto produzido a partir da exposição e livro de mesmo nome. Edição 9: Travessias do site Fora de mim. Disponível em <https://bit.ly/2MR2VNI>. Acesso em 10/01/2021.

Figura 7 - Ilustrações de Ionit Zilbermann para o livro
Num reino cor de burro quando fuge, texto de Maria Amália Camargo, Editora Girafinha. 2011
 Fonte: Flickr da artista <https://www.flickr.com/photos/ionit/3634654594/in/photostream>



Figura 8 - Ilustração de Ionit Zilbermann para o livro
A ervilha que não era torta: Mas deixou uma princesa assim, texto de Maria Amália Camargo,
 Editora Saraiva Didáticos, 2019.
 Fonte: Flickr da artista <https://www.flickr.com/photos/ionit/10735953623/>



Figura 9 - Trabalho de Ionit Zilbermann - *Memória*.
 Flores, rendas e bordado sobre saquinhos de chá usados.
 Fonte: Flickr da artista <https://www.flickr.com/photos/ionit/1114599725/>



A ilustradora e autora polonesa Iwona Chmielewska nasceu em 1960 em Pabianice. Chmielewska formou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade Nicolaus Copernicus em Toruń. Seus livros foram publicados na Coreia do Sul, Japão, Espanha, França e Alemanha. Foi a vencedora do Prêmio Especial do Júri da Feira de Bologna-2020, com o livro “Lullaby for grandmother”.

Figura 10 - Ilustração de Iwona Chmielewska para o livro
Lullaby for grandmother. BIR Publishing, Coreia do Sul, 2019
 Fonte: <http://pozarozkladem.blogspot.com/2020/03/koysanka-dla-babci-lullaby-for.html>



Figura 11 - Ilustrações de Iwona Chmielewska para o livro
Lullaby for grandmother. BIR Publishing, Coreia do Sul, 2019
 Fonte: <http://pozarozkladem.blogspot.com/2020/03/koysanka-dla-babci-lullaby-for.html>



Figura 12 - Ilustração de Iwona Chmielewska para o livro
A Girl's Own Kingdom. Changbi Publishers, Korea Południowa / South Korea, 2011.
 Fonte: <http://msdresen.blogspot.com/2014/06/iwona-chmielewska.html>



O trabalho destas duas autoras-ilustradoras mostrou-me um caminho que eu queria percorrer...o de juntar, remendar, costurar, descosturar, cortar e unir as histórias que marcaram minha trajetória e a trajetória destas duas mulheres a quem eu reverencio neste trabalho: Margarida e Geni.

Invento de ilustrar com o que não sei, daí aprendo.
Ionit Zilbermann³⁹

Na criação de minhas ilustrações parto sempre de um texto. Engraçado que só me dei conta da palavra “parto” depois de escrevê-la aqui como verbo, posto que também é substantivo do ato de nascer.

O processo criativo para a feitura deste livro têxtil-ilustrado artesanal, não foi diferente. Para experimentar o potencial narrativo das imagens fui modificando, cortando, refazendo o texto para que ele ficasse enxuto suficiente para “Não dizer tudo. Insinuar. Sugerir. Calar. Mostrar pela metade. [...] entre o dito e o não dito. Entre o que se mostra e o que se oculta”, como propõe Cecília Bajour em *O artesanato do silêncio*.⁴⁰

Escolhi pintar as ilustrações em tela de pintura - tecido selado com gesso para receber melhor as tintas - mas que ainda é tecido, tramado. Depois das ilustrações pintadas, recortei-as uma a uma para que pudesse colá-las no algodão cru. Neste percurso de fazer o livro eu me lembrei muito da fala da artista Edith Derdyk: “o objeto se faz ao fazer”⁴¹. Este processo de fazer pode mudar tudo, e nos levar a caminhos que ainda não havíamos percorrido. Eu retornei ao meu país da infância como uma criança experimentando a costura, sem as amarras da perfeição, costurando imagens e palavras tortas. Foi nascendo um livro como experimentação de uma artesanaria ancestral, com tramas entrelaçadas, onde me permiti pintar contornos borrados, deixando a possibilidade do livro me alcançar. Escrever-tecer este livro me pareceu um chamado.

Assim, nasceu: *Manto de menina*.

³⁹Fala da ilustradora Ionit Zilbermann em entrevista concedida ao blog da Editora Brinque-Book, em 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2Y7aL8h>. Acesso em: 21/02/2021.

⁴⁰BAJOUR, Cecília. O artesanato do silêncio. *Revista Emília* [online], 2018. Disponível em: <https://revistacamilia.com.br/o-artesanato-do-silencio/> Acesso em: 10/01/2021.

⁴¹Fala da artista Edith Derdyk, durante o curso on-line *A linha e seus papéis: indício, desígnio, anotação e acontecimento*, promovido pela Casa Tombada - Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP, em outubro de 2020.

Costura, arte do corpo, mão. Escrita, arte do corpo, mão. Costura-escrita, arte de mão que compõe tecido outro com os retalhos, as sobras dos relatos de um experienciar. O fio-corpo alinhava a colcha-texto, configuração provisória na dobra de um pesquisar. Formação de tecido outro com os restos do mesmo. Colcha, manta-coberta, abrigo. Fragmentos-lembranças. Reunião de tecidos-experiências. Alinhavos soltos. Restos de experimentos de corpo. Feitura de dobra outra na composição de um corpo-escrita-pesquisa.⁴³

Figura 14 - Imagem do livro têxtil-ilustrado-artesanal feito em algodão cru com costuras aparentes e texto escrito à mão com caneta de tecido.
Foto: arquivo pessoal.



⁴³VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Fiar a escrita. Políticas de narratividade - exercícios e experiências entre arte-manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado em antropofosia da imanência. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, 2015, p. 448. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5465>

Figura 15 - Imagem do livro têxtil-ilustrado-artesanal feito em algodão cru com costuras aparentes e texto escrito à mão com caneta de tecido.
Foto: arquivo pessoal.



Figura 16 - Imagem do livro têxtil-ilustrado-artesanal feito em algodão cru com costuras aparentes e texto escrito à mão com caneta de tecido.
Foto: arquivo pessoal.



Figura 17 - Imagem do livro têxtil-ilustrado-artesanal feito em algodão cru com costuras aparentes e texto escrito à mão com caneta de tecido.
Foto: arquivo pessoal.



Figura 18 - Imagem do livro têxtil-ilustrado-artesanal feito em algodão cru com costuras aparentes e texto escrito à mão com caneta de tecido.
Foto: arquivo pessoal.



Figura 19 - Imagem de um trecho do vídeo produzido mostrando a feitura do livro artesanal e posteriormente a narração da história do livro. Versinhos cantados por Grace, do projeto Versinhos de Bem-Querer das Mulheres do Vale do Jequitinhonha, presente de aniversário que ganhei do meu companheiro Gabriel Montenegro. Narração: Nice Lopes. Música de fundo: Allégro (Emmit Fenn). Foto: arquivo pessoal.

Clique no link para ver o vídeo ou acesse pelo QR Code:
http://www.youtube.com/watch?v=uTb_dfonLTE



*[...] no caminho da floresta, há
escuro, a incomunicabilidade e a
possibilidade de sair de lá com as
cestas cheias de colheitas.*
Ângela Castelo Branco Teixeira⁴⁴

⁴⁴TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco. *À escrita: um outro se arrisca em ti*. Tese de Doutorado em Artes - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, São Paulo, 2018. p. 151
Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154980>.

Considerações finais

"viajava s'embora
 no enfim de uma hora
 suspendida no liso do rio
 para o meu conseguir
 diluso
 ser-ir do viver
 era só um quase
 no agasalhado da noite
 no desamparo
 no devagar depressa dos tempos
 na vagação
 no rio
 no ermo
 agora me entrelembro
 não podia malsinar
 o rio-rio-rio pondo perpétuo
 era só o demoramento
 para acenar mais
 compasso mais certo
 e, eu,
 rio abaixo,
 rio a fora,
 rio a dentro..."⁴⁵

⁴⁵Excertos do conto A Terceira Margem do Rio, de Guimarães Rosa, assinalados durante aula-online da professora Simone Paulino em setembro de 2020, disciplina: Escrita, Tradição e Invenção no Processo de Narrar-se A Partir da Infância para a turma VI da Pós-Graduação O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, d'A Casa Tombada - Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP.

Nesta travessia, fui habitante de um rio e de suas margens, esquerda e direita, meio e metade, raso e fundo. À terceira margem, suspensa.

Experimentei e deixei aflorar sentimentos até então escondidos. Descubri novos mundos que foram se descortinando à medida que eu me metia mais e mais naquele rio.

Descobri livros novos, redescobri livros antigos, refiz as leituras, enxerguei além do que podia imaginar.

Fui chamada a pensar sobre os livros para infância, as mediações possíveis, as leituras silenciosas, as escritas, as produções de sentido, as experimentações com o objeto livro, as ilustrações como sustentáculos das narrativas.

Fui remendando aos poucos, os pedaços da minha história, costurando, descosturando, reunindo, rasgando; entre tintas, papéis, linhas e tecidos, agulhas e tesouras, sangrando e alinhavando conexões e possibilidades de escrita.

E a você que acompanhou um pouco desta travessia eu agradeço a leitura e proponho mais uma reflexão: este manto-bordado-abrigo-poético é um livro?

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Lélia. Cozinhar é igual a tecer que é igual a narrar: Três habilidades recorrentes na literatura de autoria feminina. In: *Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid*, nº 28. 2004. Disponível em <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero28/cozinhar.html>. Acesso em 07/01/2021
- BAJOUR, Cecília. O artesanato do silêncio. *Revista Emília* [online], 2018. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/o-artesanato-do-silencio/> Acesso em: 10/01/2021.
- BARROS, Manoel. *Manoel de Barros - Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya. 2010.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DERDYK, Edith. A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. *Pós: Belo Horizonte*, v. 2, n. 3, p. 164 - 173, mai. 2012.
- _____. O que fica do que escapa. Texto produzido a partir da exposição e livro de mesmo nome. *Edição 9: Travessias - Site Fora de mim*. Disponível em <https://bit.ly/2MR2VNI>. Acesso em 10/01/2021.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GARCIA, Cecília. Literatura e pandemia: o direito à leitura como resistência à adversidade. Matéria on-line. In: *Portal do Aprendiz*. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/07/27/literatura-e-pandemia-o-direito-a-leitura-como-resistencia-a-adversidade/> Acesso em 11/01/2021.
- HAURÉLIO, Marco. *Contos folclóricos brasileiros*, ilustrado por Maurício Negro, São Paulo: Editora Paulus, 3ª ed., 2018.
- _____. *Contos e Fábulas do Brasil*, ilustrado por Severino Ramos. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2ª ed., 2016.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LAJOLO, Marisa. A literatura no reino da linguagem. In: REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar - Literatura, escrita e educação*. Tradução de Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- LAPOUJADE, David. *Bispo ou o estandarte do mundo*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. *Agência Folha*, 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0207200009.htm> Acesso em 11/12/2020.

- LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Sesi-SP editora, 2018.
- MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958, p. 201-2.
- MORAES, Odilon. O livro ilustrado: palavra, imagem e objeto na visão de Odilon Moraes, entrevista concedida a Isabella Lotufo. In: *Revista Ilustrates*, n.3, p. 30-31, 2014.
- NEGRO, Maurício. O papel da imagem na literatura infantil, entrevista concedida a Fernanda Fernandes para *MultiRio - a mídia educativa da cidade*, abril de 2019. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14899-o-papel-da-imagem-na-literatura-infantil>.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar - Literatura, escrita e educação*. Tradução de Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- RITA, Dora Iva Outerelo Forja. *Arte têxtil contemporânea e sustentabilidade*. Tese de Doutorado em Belas-Artes, Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes. Lisboa, 2015.
- ROSA, João Guimarães. A Terceira Margem do Rio. In: *Primeiras Estórias*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1962. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2016.
- TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco. A escritura-rasura na obra de Edith Derdyk. In: *Revista Estúdio, Artistas sobre outras Obras*. Vol. 7, nº15 (Jul./Set. 2016), p. 122-127. Lisboa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/38645>. Acesso em 09/01/2021.
- _____. *À escrita: um outro se arrisca em ti*. Tese de Doutorado em Artes, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Instituto de Artes, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154980>
- VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. *Fiar a escrita. Políticas de narratividade - exercícios e experimentações entre arte-manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educação inspirado em antropofosia da imanência*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, 2015, p. 379. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5465>

Apêndice: Manto de Menina

(para uma melhor visualização em PDF, clique em exibição em duas páginas)

manto de
merina



manto de
menina

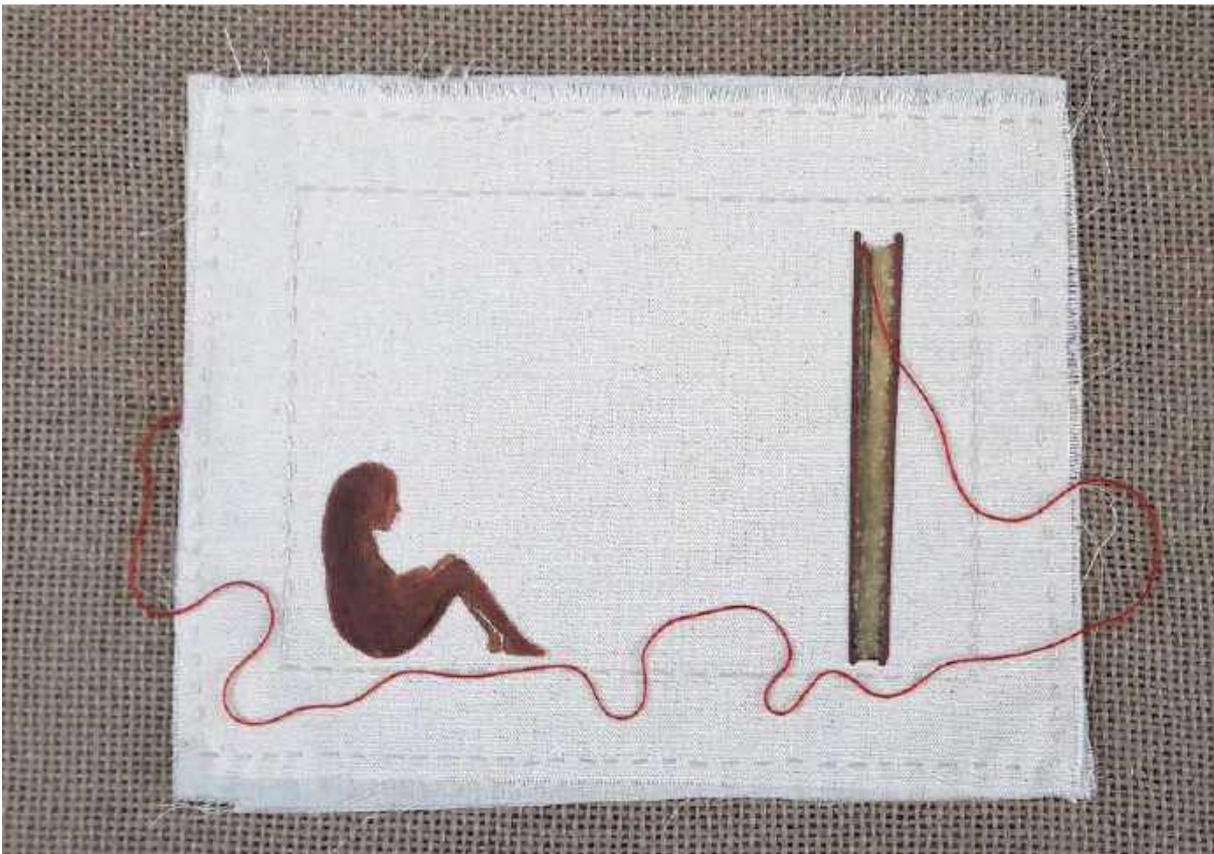
Tina Ripa

- A menina vai hoje?
Perguntou o homem.

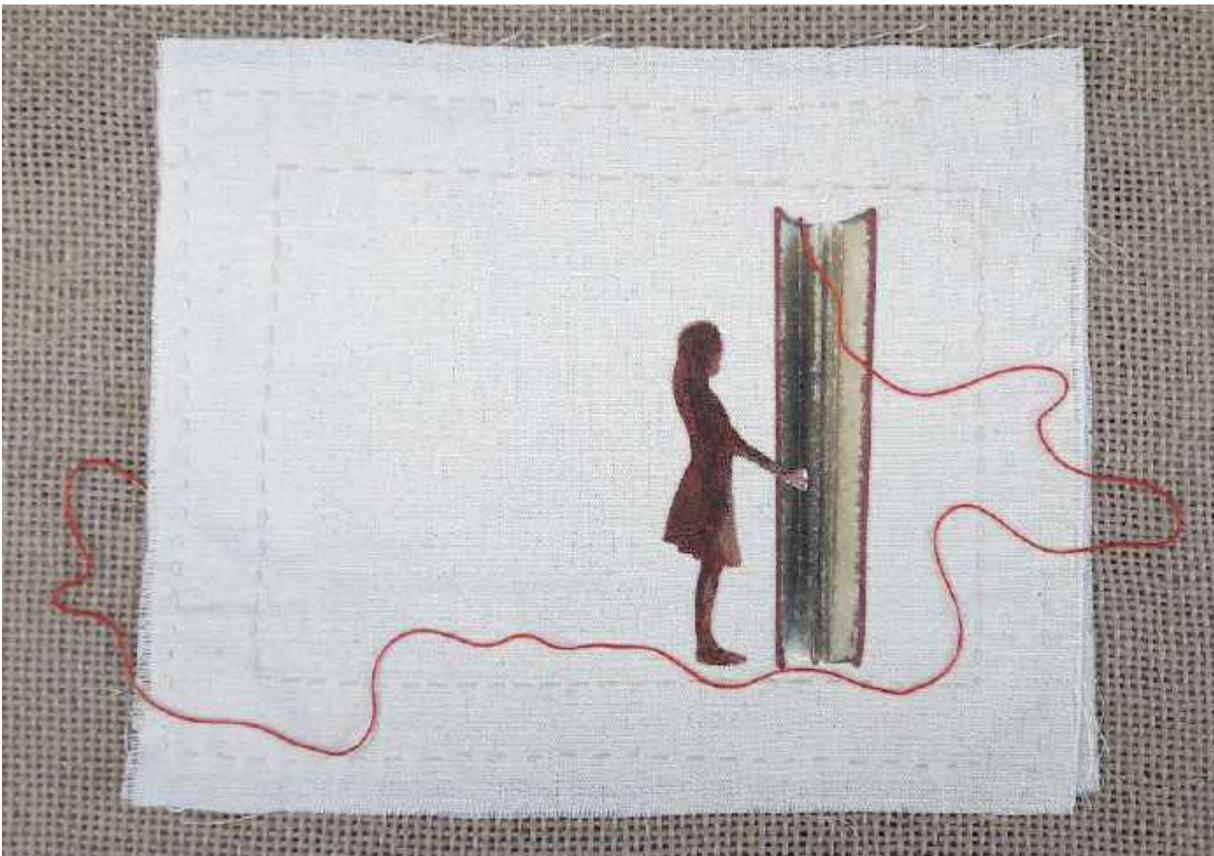




Parada, em frente ao pequeno
guarda-roupa, a menina não sabia
o que vestir.



Pensou, que talvez, fosse bom



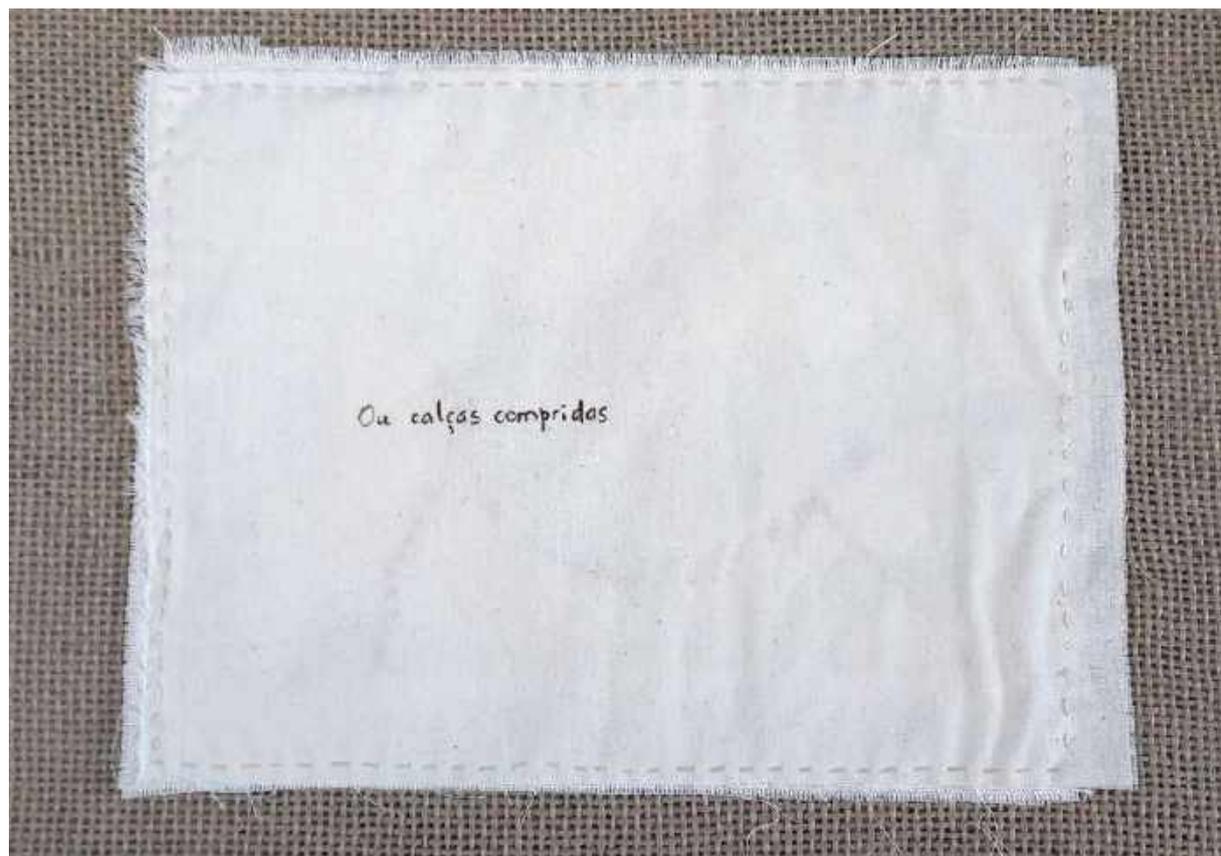


usar uma saia



como a de Branca de Neve
quando fugiu do caçador.





Ou calças compridas





como os de João, irmão de Maria,
com bolsos grandes
para guardar as pedrinhas
e marcar o caminho de volta.



Seria prudente
um par de botas

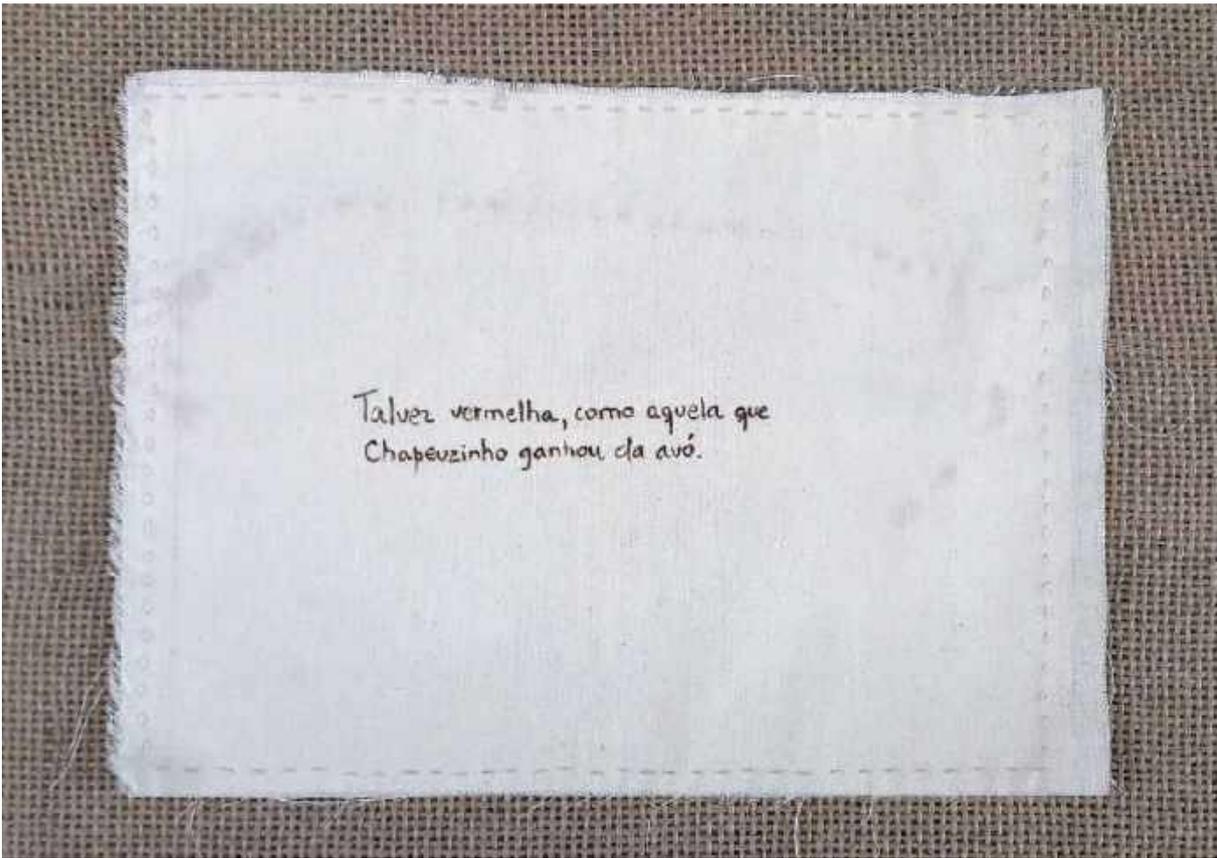


como as que o Pequeno Polegar
roubou do terrível Ogro.



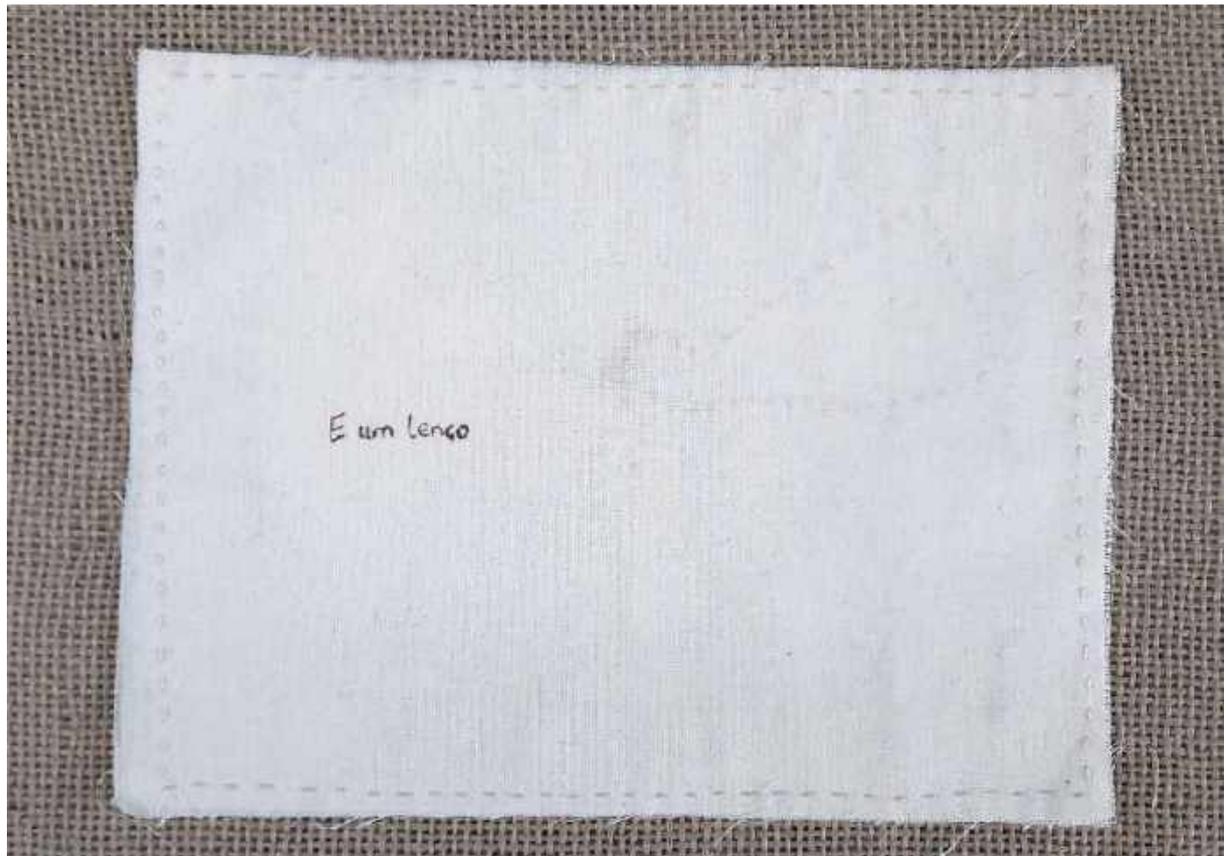
Quem sabe, uma capa?



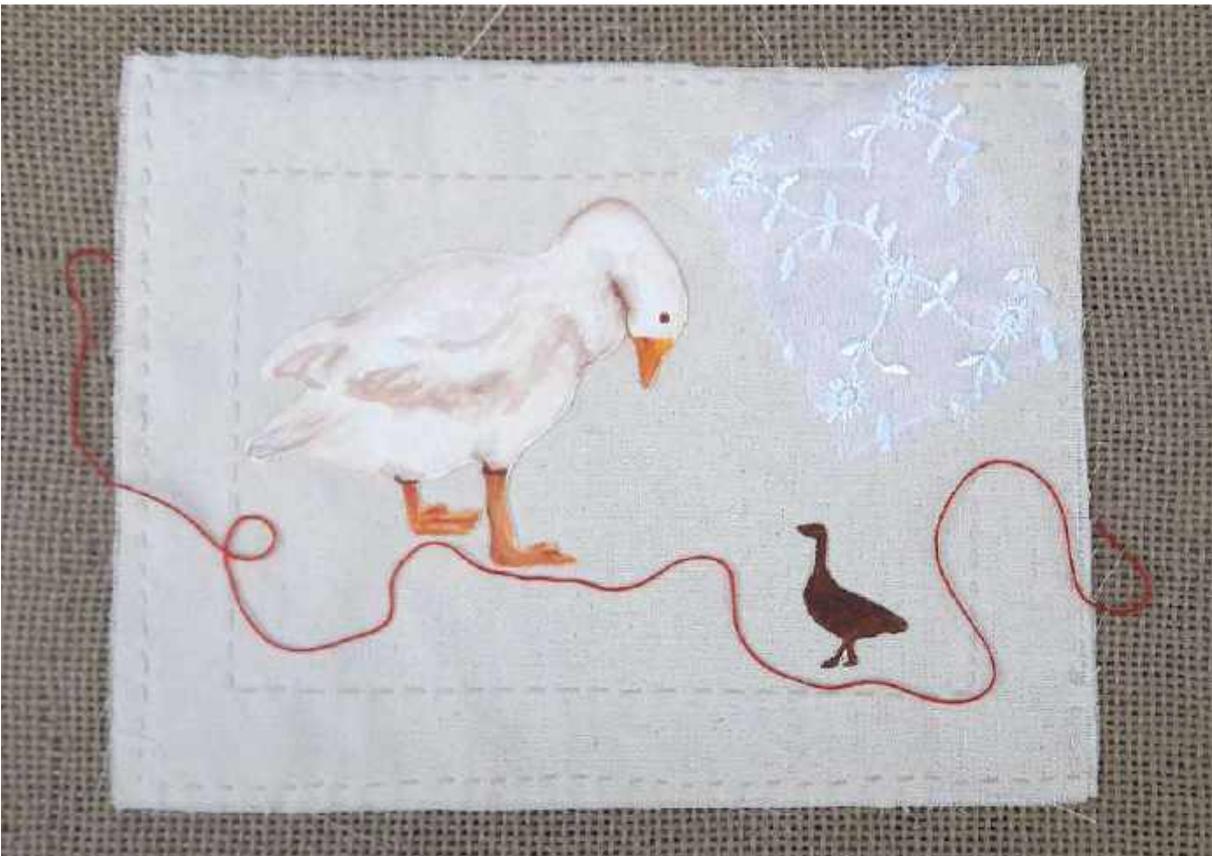


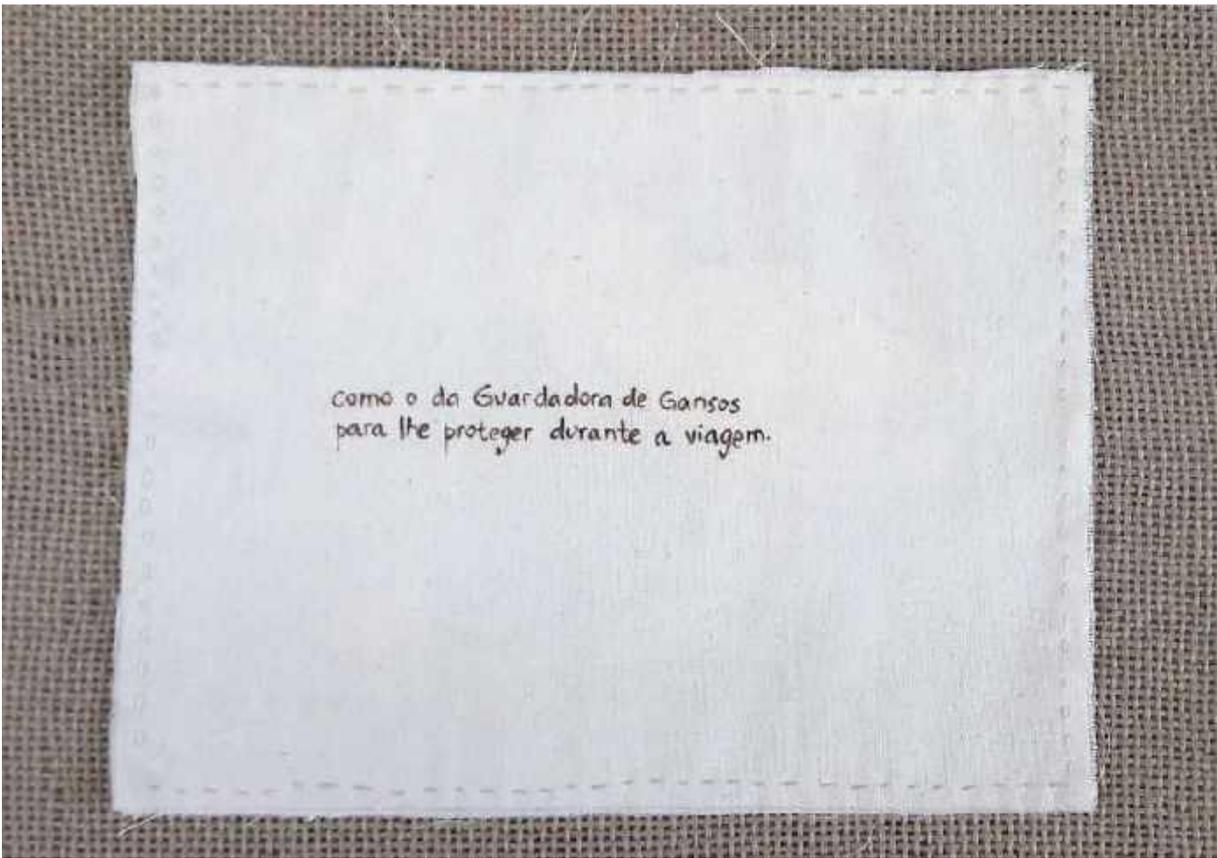
Talvez vermelha, como aquela que
Chapeuzinho ganhou da avó.



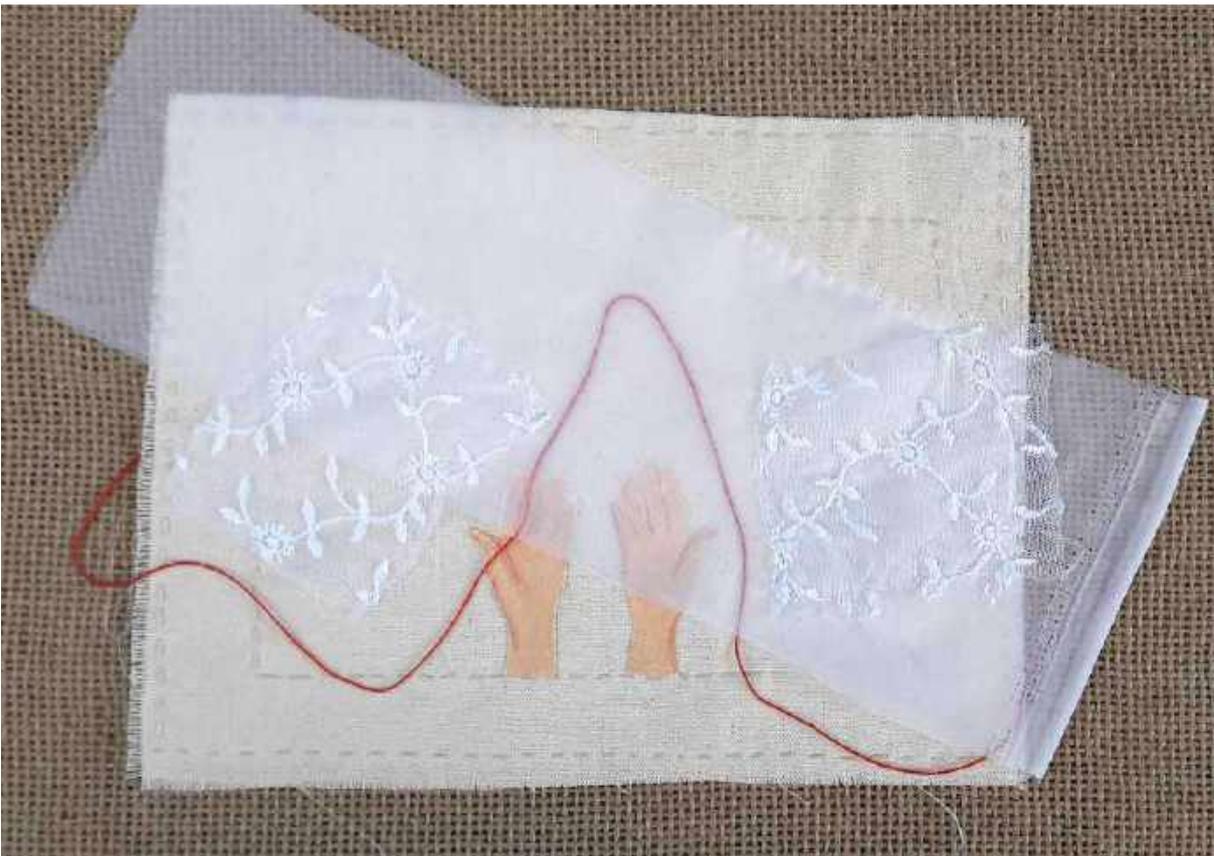


E um lenço

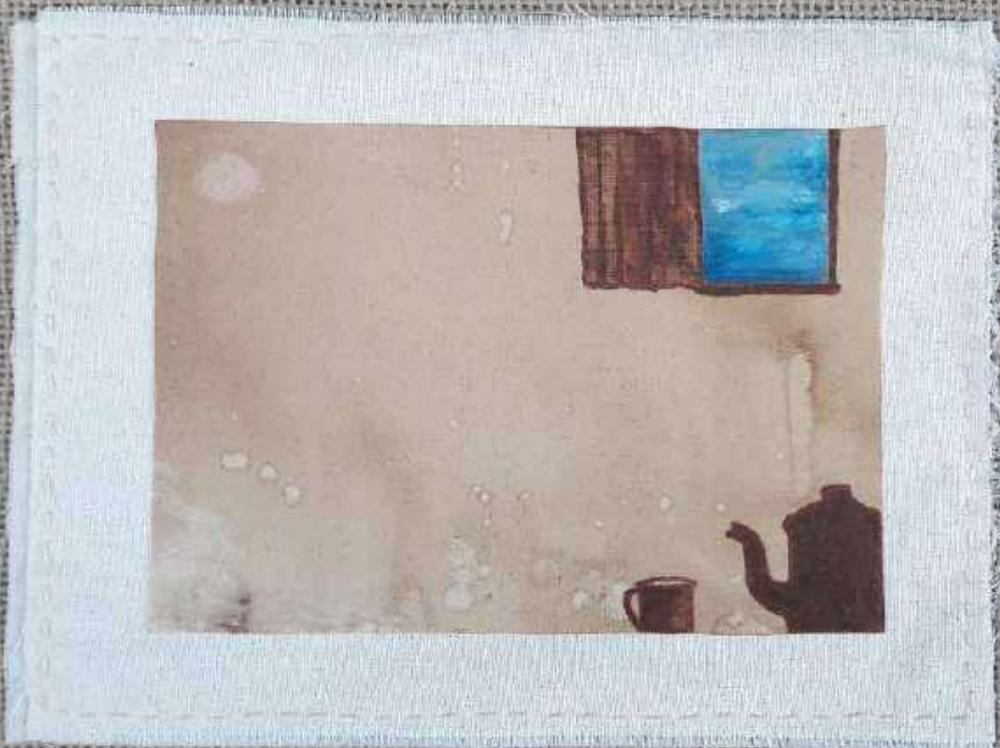


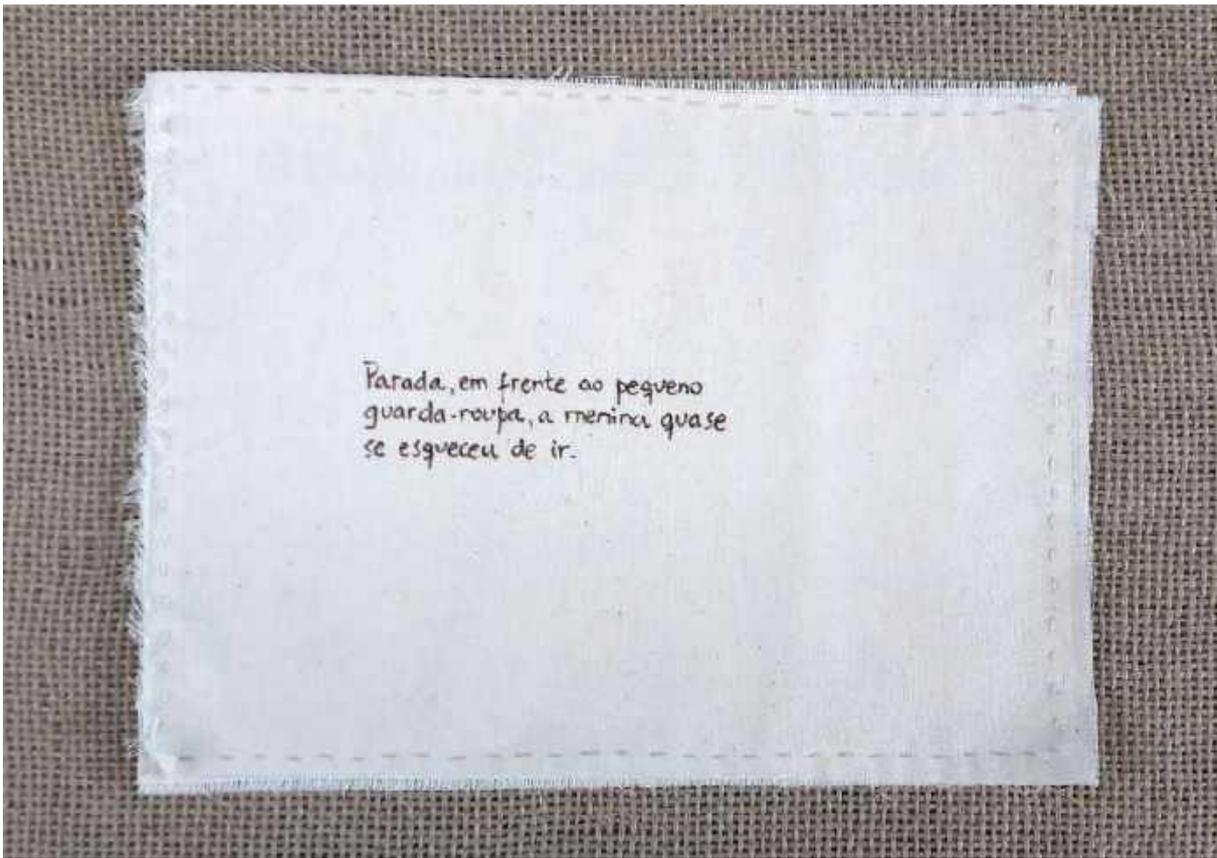


como o da Guardadora de Gansos
para lhe proteger durante a viagem.



—A menina vai hoje?
Insistiu o homem.





Parada, em frente ao pequeno
guarda-roupa, a menina quase
se esqueceu de ir.



E pensou, que talvez, fosse bom



cobrir-se de todas as histórias
que haviam lhe contado



para enfrentar a noite escura



de sua própria história.









O livro *Manto de Menina* também pode ser acessado pelo link ou QR Code:

<https://online.pubhtml5.com/jbmc/wali/>

(Se estiver utilizando celular, posicione-o na horizontal, para melhor visualização).



Posfácio

Beleza e glória das coisas o olho é que põe.
Manoel de Barros⁴⁶

No dia 18 de março de 2021 apresentei este trabalho à banca examinadora, de forma remota, on-line, por ainda estarmos vivenciando a pandemia de covid-19. Minha banca formada por minha orientadora Camila Feltre e por duas leitoras, convidadas, as professoras e pesquisadoras: Cristiane Rogerio, coordenadora da pós-graduação *O Livro para a Infância* e Ângela Castelo Branco, cuidadora d'A Casa Tombada, foi, para mim, lugar de acolhimento e abrigo.

Depois da apresentação, senti a necessidade de trazer mais reflexões acerca deste trabalho como forma de troca de saberes e contribuição ao debate sobre o livro para a infância. Reflexões propostas por Ângela, que logo no início de sua fala, me presenteou com este texto pulsante da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, que reproduzo abaixo:

[...] bordo e penso que sei bordar; não sei como fiz esta associação mas logo depois reflito. Saber e ver. Posso escolher as cores, escolhi as cores das linhas que são rosa avermelhado e vermelho, e escolhi a cor do tecido, o castanho – que, para mim, é esta a cor da reformulação da comunidade. O que bordo é um inseto, sinto o desejo de classificá-lo, saber-lhe o nome e fico uns instantes a peregrinar interiormente no vasto reino animal. Com um dedo sobre a linha, prendo também os olhos ao tecido; verifico que vejo um extenso panorama, meus olhos fixos no castanho aveludado parecem voltar-se para todos os lados; soergo a agulha do feltro, o movimento parece-me semelhante ao da escrita, embora inverso.

Não fui eu quem traçou este desenho que bordo mas, percorrendo-o com a agulha, reconstruo o nascimento do ato de desenhar; perco um pouco a noção do tempo como se o meu bordado tivesse vindo de um arquivo e nele estivesse prestes a desaparecer. Situo-me historicamente ao lado de outras mãos que bordariam tecidos de outra época. Pergunto que sentido darão, quando o encontrarem, ao inseto que conheci hoje. Passo da escrita ao bordado, traduzindo como se ambos fossem a minha palavra; por momentos, esqueço-me mesmo de que bordo, de tal modo os meus dedos se tornaram dextros e o meu pensamento, refletido sobre o bordado, um pensamento. Com um livro escreve-se outro livro. Como um livro é vegetal.⁴⁷

A escritora portuguesa, nas palavras de Ângela, “enfrentou um mau silêncio que rondava a sua casa”, assim talvez, como eu, escrevendo-tecendo este livro, tentando enfrentar este meu mau silêncio e dar voz e corpo a ele.

⁴⁶BARROS, Manoel. *Manoel de Barros - Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya, 2010, p. 224

⁴⁷LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. Porto: Afrontamento, 1977, p. 66

Quando desenvolvi este trabalho não me dei conta da dualidade que minhas perguntas poderiam provocar. Dois movimentos de oposição, como bem disse Ângela: “quando a vó Gaída costura os uniformes para os trabalhadores da usina, mas queria mesmo era costurar vestidos de boneca...quando a menina precisa vestir a roupa de trabalho, mas o que ela queria mesmo era usar saia. ”

Ângela, em sua generosa partilha, indicou o documentário *Lorena, La de Pies Ligeiros*, que conta a história da ultramaratonista mexicana Lorena Ramirez, uma corredora indígena, da tribo Rarámuri (significa “pés ligeiros” ou “os corredores a pé”), vencedora de algumas das corridas mais difíceis do México, como a “Ultramaratona Guachochi”, em 2017, correndo 100 quilômetros. Lorena, que não frequentou escola, que vive em uma comunidade indígena, que trabalha na terra, que corre de sandálias e saia, ainda que os patrocinadores queiram que ela corra de tênis — não seria Lorena, se parasse de correr com sandálias, não se adaptaria, assim como eu que nunca me adaptei ao uso de tênis, mesmo que tentasse, meus pés não foram feitos para eles — a força silenciosa desta mulher tocou-me profundamente.

Mais algumas provocações de Ângela:

“Existe uma identidade que eu preciso cumprir mas ao mesmo tempo existe o desejo de sonhar, de inventar outras narrativas para si...”

“A vestimenta e a linguagem não tem a função exclusivamente de nos abrigar do mundo...nós somos nus porque precisamos nos vestir de mundo”...Usamos as tramas do mundo para podermos aparecer, para podermos nos singularizar e sairmos da nossa capa protetora. ”

“Será, que às vezes, a gente não precisa desproteger a infância? ”

“Quando é que as histórias desalojam, deslocam? ”

De Cristiane Rogerio, trago outros presentes, a epígrafe deste posfácio e o texto abaixo, escrito por ela, a lápis, nas páginas do TCC que enviei pelo correio:

“O que eu escrevi com você:
Eu li o avesso
Eu vi textura
Continue lendo, continue lendo, continue lendo...
Eu vejo memória
Eu vejo fios do tempo soltos
Eu vejo uma avó caber na mão
Eu vejo um saber que é preciso
Eu vejo um modo de ir para si
Eu vejo um milagre

Eu vejo um desenho de sentimentos
Eu vejo um imprevisto da arte
Eu vejo um nascimento ancestral
Eu vejo um livro livre
Eu vi um bem-te-vi cantar o vento de uma transformação; leve como o movimento de sua pelugem amarela.”

E a frase-metáfora: “o TCC é um abrigo poético para nossas dúvidas”...e não seria isso? “Teccer os sentidos – TeCeC(S)er.”

De Camila, a frase que sempre me emociona: “quanta força há em revelar essa história, em abrir essa ferida, em desproteger-se”...

As palavras de Ângela, Cris e Camila, ainda reverberam em mim e tento chegar a uma conclusão, **mas não há o que concluir, há que se pensar, há que se estudar mais e mais, para fazer nascer mais e mais dúvidas, mais e mais livros livres.**

Penso que o livro para a infância como veste de proteção não vai proteger nossas infâncias da crueza e adversidades da vida e do mundo, mas, talvez sua fortaleza seja esta, a de nos acompanhar na caminhada, nos (des)protegendo, ao mesmo tempo que nos provoca a encarar nossos maus silêncios, nos permitindo lidar com eles, mesmo que para isso, nos descubramos para nos descobirmos.

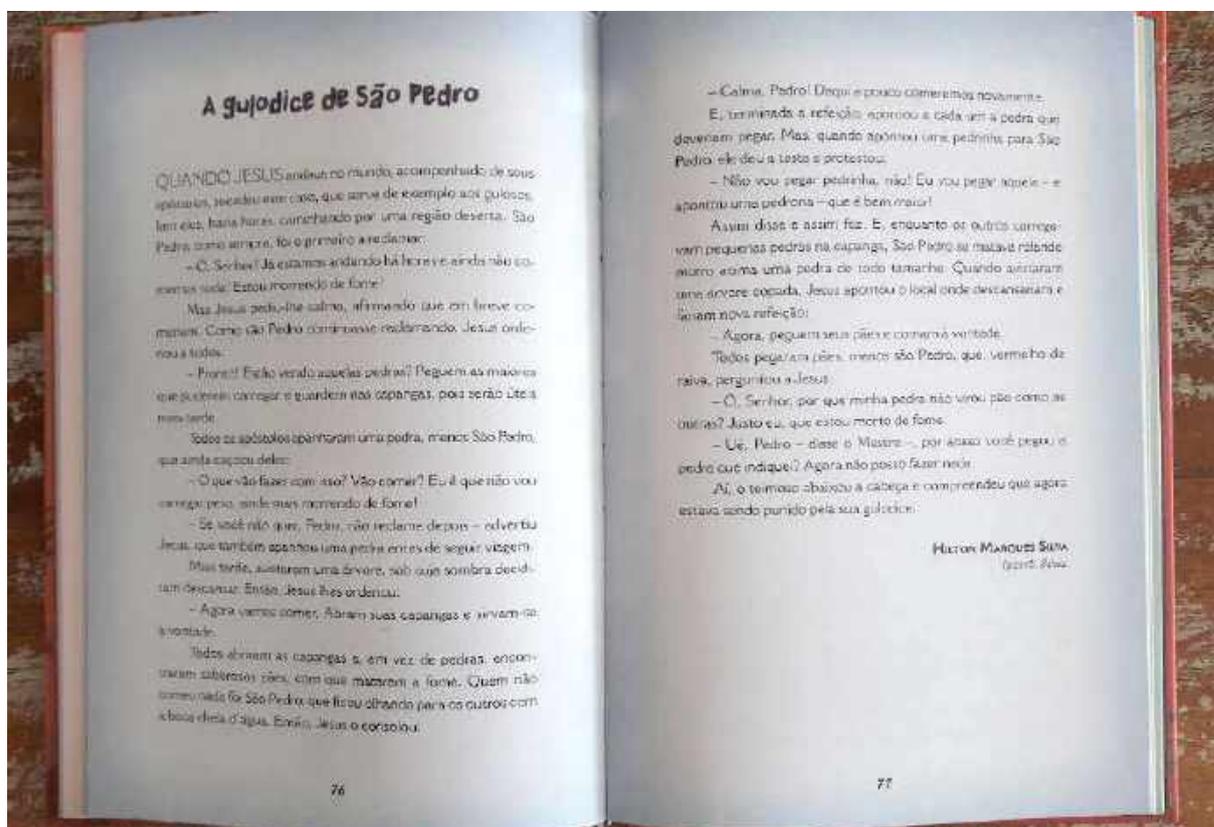
*O que está fazendo rarámuri?
Está sussurrando.
São apenas os vaga-lumes voando
É a luz deles.
Eles movimentam suas luzes.
Eles acendem suas luzes.
Olhe para a luz.
Siga a luz
em silêncio.*

María Lorena Ramírez Hernández,
no filme “Lorena, La de Pies Ligeiros”

O documentário está disponível na plataforma de streaming Netflix, este é o trailer do documentário:
<https://www.youtube.com/watch?v=E04zNn9dFZo>

Anexos

1. Imagem do livro *Contos folclóricos brasileiros*, de Marco Haurélio, (ilustrado por Maurício Negro). São Paulo: Editora Paulus, 3ª ed., 2018. Trecho do conto A Gulodice de São Pedro. p. 76 e 77.



2. “No reino do fracasso”, texto de Julia Panadés para a oficina: “Ateliê de Leitura, Escrita, Costura – Para além do funcionamento pleno, o fracasso é também um modo de ir”, realizada n’A Casa Tombada, em 25 de janeiro de 2020.

No reino do fracasso

O sentido primeiro da palavra “fracasso” é a reverberação sonora de uma queda, o estrondo provocado pela colisão de alguma coisa sobre outra, o estampido de uma ruptura, o choque retumbante, o ruído da ruína. O segundo sentido de “fracasso” é falta de êxito, malogro, perda, prejuízo, desordem, descaminho. É bom que certas coisas fracassem, embora ninguém saia por aí a planejar deliberadamente o próprio fracasso, ninguém quer se estabacar no chão, mas o chão está logo aqui, e cair é algo que nos acontece. Querido chão dos tropeços, prece terrena de onde nasce o recomeço.

No reino do fracasso, os termos escorregam para o negativo, caminham para a derrota. Se a palavra “rota” é o caminho que se costuma seguir, a palavra “derrota” é a ruptura de um caminho e o risco accidental. Mas é possível ver através do risco de uma abertura, ver através do risco uma abertura. Risco é um outro nome para aventura. Uma ruptura tende a assumir o risco de se tornar, pouco a pouco, um modo de ir. É o que nos acontece quando engatinhamos plenamente em quatro apoios e conseguimos ir e vir com desenvoltura. Estamos em plena intimidade com o fiapos e migalhas ao rés do chão, mas ainda não dominamos o altura vertiginosa de um andar bípede. Queremos nos elevar como canyons nas pontas dos pés e deixamos que o mundo caia. Encarnamos a distância tombada entre o céu e a terra. Levantar, abaixar, erguer, lançar, buscar, afastar, aproximar, dar corpo ao movimento.

Não se dispensa a atmosfera dos restos. O reino do fracasso se faz pelo alinhamento das partes mas também por cortes, rupturas, deserções e desprendimentos. É preciso servir-se das lacunas deixadas, dos fragmentos assertivos e da dissolução errante, assumindo o fracasso como um modo de ir para além do funcionamento pleno. Pois, se há o risco da tentativa, há o fracasso da tentativa, há também a realização do fracasso da tentativa. Se o processo é lento, se o alcance é accidental, se o método é arriscado, se a comunhão é solitária, se a contradição é verdadeira, se a queda da expectativa eleva a possibilidade do encontro, estamos no reino do fracasso.

Em *Exercícios de aproximação*, Silvína Rodrigues Lopes toma o “peso do corpo na escrita” como problema de abordagem, para elaborar a seguinte formulação: “O poema ensina a cair porque é exemplo de queda – é ele que cai; ensina porque ele é as sensações que ensina: o seu movimento é descendente, de modo mais abrupto ou mais lento, ele vai desenhando um sentido de queda”.

Essa queda não aniquila o corpo, mas demanda a criação de um corpo em obra com as potências de vida e morte. O poema não dá forma aos modos de cair, mas escuta

a ressonância da queda, capta os devires de passagem, calça os desníveis de uma sensação à outra. Assim escreve Clarice Lispector em "A paixão segundo G.H."

"Eu tenho à medida que desigño – e este é o esplendor de se ter uma linguagem, é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar, e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me pode ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu."

Em cada ato criador, esse potencial de alcance vai se imprimindo e se tornando um *modo de vida*. O que não significa que esse modo atuante na atividade "artística" seja um privilégio reservado e garantido aos escolhidos. Um *modo de vida-artista* é, antes, uma escolha pautada no risco, uma colheita no empenho gradual, um desvio na chance tentadora, um impulso no chamado irrecusável, uma teima por alcançar aquilo que escapa e escapar naquilo que subitamente se alcança. A criação como *modo de vida* é um processo acordado com o *não-saber*.

"Toda a arte vem de fracassos terríveis e de necessidades terríveis que temos." "Trabalho com os meus fracassos". Essas frases de Louise Bourgeois apontam a posse do risco e do fracasso como necessidade para se colocar um corpo em obra, como condição para que o pensamento criador possa alcançar a pulsação de sua linha, de sua descoberta, de sua linguagem de vida. A errância é sensível às escolhas alcançadas, o inacabamento faz parte da continuidade e, seguindo com Clarice, "nem todos chegam a fracassar porque é tão trabalhoso, é preciso antes subir penosamente até enfim atingir a altura de poder cair – só posso alcançar a despersonalidade da mudez se eu antes tiver construído uma voz." A construção de uma voz pode ser apenas o corpo lançado, um fracasso terrivelmente entregue, a dizer em silêncio de pedra o segredo da vidraça.

Julia Panadés

Para oficina de leitura, escuta, escrita, costura,

n'A Casa Tombada, 25 de janeiro de 2020.

3. Carta-convite *O livro-percurso: olhando pelo retrovisor*, enviada por e-mail aos alunos da turma VI da Pós-Graduação *O Livro para Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, d'A Casa Tombada – Lugar de Arte, Cultura e Educação, São Paulo/SP.

São Paulo, 17 de junho de 2020

"Toda aula é um convite ao nó. Reatar o que estava demasiadamente frouxo em nós",
Angela Castelo Branco

CAROS ESTUDANTES DA TURMA 6,

Esperamos encontrá-los bem, mesmo diante de tantos desafios. Quem imaginaria um curso de pós-graduação com tantas emoções, não? Uma experiência. Em noss' A Casa Tombada.

Esta é uma carta convite para que vocês iniciem o **O LIVRO-PERCURSO: OLHANDO PELO RETROVISOR**. O que seria? Um convite a "estar" no passado, presente e futuro. Vocês estão convidados a criarem um livro-percurso de si mesmos, na pós O LIVRO PARA A INFÂNCIA. O formato é livre.

Pensamos que neste livro (uma caixa? uma gaveta? um cesto? um baú? uma mala? um pote?) seriam registradas e guardadas anotações...

Dos cadernos
Dos cafés
Dos celulares
Dos bordados
Dos desenhos
Das alegrias
Dos almoços
Das infâncias
Das dificuldades
Das esperas
Dos livros
Das dúvidas
Dos futuros
Das janelas
Das contingências

Um convite a buscar VESTÍGIOS, RASTROS das PEGADAS deixadas até aqui por vocês na pós e, também, um estímulo a criarem outras "materialidades" do que está por vir.

É possível pensar um livro - com um formato a se inventar - que contaria sobre um percurso, ou vários, traçados durante um curso de pós-graduação? A forma também é conteúdo. Então, como você vai (nos) contar esta história? O que virá de aprendizado com tudo isso? Será que se evidencia um tema para nosso projeto de TCC?

O que os afetou? Quais foram os incômodos? As descobertas, as perguntas, reflexões, paixões?

O NARRAR-SE.

DOS PENSAMENTOS DE (EM) NÓS, inspirações

Entrenotas: compreensões de pesquisa, de Cássio Viana Hissa, segundo o prefácio de Mariângela Paraizo: "São textos breves e incisivos, com **todo o rigor da ciência e da poesia.**"

O autor é professor da Universidade Federal de Minas Gerais e nos aponta uma série de reflexões sobre a pesquisa acadêmica:

"A pesquisa é **compartilhamento**"

"Aprende-se, ao fazer, **com o outro.**"

"Antes de tudo, a arte de viver é a de absorver sabedorias, com a paciência do artesão, no **tempo do cultivar, no tempo lento do bordar compreensões**, no tempo lento de quem espera e, simultaneamente, na rotina de quem fabrica a utopia da presença do mundo em nós e de nós em cada um. É arte de cultivar o ser. É arte de se abrir e de se educar para as possibilidades, todas, de **diálogo**. É arte de valorizar a vida a partir de valores que negam aqueles que fazem com que a vida se esvaia."

"A **experimentação** do mundo precede a razão."

"Ser afetado pelo mundo, portanto, é pressuposto da **construção** do pensamento."

"**Como é que se aprende a fazer enquanto se faz?** Como aprender *modos de fazer*? Isso não se ensina, mas se aprende. De onde são originárias as metodologias? Poderíamos dar início à construção de um projeto de pesquisa a partir delas? Elas poderiam existir, ensimesmadas, na

inexistência do sujeito e do objeto construído - qualquer coisa, pensamento, obra? Não se trata, pois, também, de um processo criativo?"

"Não há como aprender com os manuais."

E MAIS OUTROS TANTOS QUE CONVERSAM CONOSCO:

"Não saber de alguma coisa é abrir a possibilidade de sabermos **juntos** alguma coisa", **Giuliano Tierno**

"Fazer visível **aquilo que está por existir**: um trabalho sensível e intelectual executado por um artesão", **Cecília Almeida Salles**

"O **tempo da criação é permanente** ... (o artista, o pesquisador) pode estar fazendo outras coisas, que envolvem sua rotina, aparentemente externa à criação e algo é anotado, pensado, solucionado", **Cecília Almeida Salles**

"Na manipulação da matéria, também **somos conduzidos** por ela",
Luiza Christov

"Anotações, esboços, filmes assistidos, cenas lembradas, livros anotados, tudo tem o mesmo valor para o pesquisador interessado e está tudo conectado", **Cecília Almeida Salles**

"Para a palavra não ser umbigada, método é um só.
Fazer perguntas à própria experiência, à própria palavra",
Luiza Christov

A experiência é o que nos passa,
o que nos acontece, o que nos toca.
Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.
A cada dia se passam muitas coisas,
porém, ao mesmo tempo,
quase nada nos acontece, **Jorge Larrosa**

"Deixo aos vários futuros (não a todos)
meus jardins de veredas
que se bifurcam," **J. L. Borges (Ficções)**

POR FIM,

MANIFESTO AFETIVO

(CRISTIANE ROGERIO EM DIÁLOGO
COM JEANNE MARIE GAGNEBIN)

CONTRA A PRESSA,

A PRODUTIVIDADE,

A CONCORRÊNCIA, A PREVISIBILIDADE,

A ESPECIALIZAÇÃO CUSTE O QUE CUSTAR,

AS CERTEZAS E AS IMPOSIÇÕES.

PODEMOS EXERCER, TREINAR,

EM QUALQUER LUGAR,

SIM, PEQUENAS TÁTICAS DE SOLAPAMENTO,

EXERCÍCIOS DE INVENÇÃO SÉRIA E ALEGRE,

EXERCÍCIOS DE PACIÊNCIA,

DE LENTIDÃO, DE GRATUIDADE,

DE ATENÇÃO,

DE ANGÚSTIA ASSUMIDA, DE DÚVIDA,

ENFIM,

EXERCÍCIOS DE SOLIDARIEDADE

E DE RESISTÊNCIA

Com carinho,

Cristiane Rogerio e Camila Feltre

